

MULHERIO

ANO III, nº 12

MARÇO/ABRIL 1983

Cr\$ 250,00

SORTESIA



Foto Juca Martins Ag. F/4

Velha, viva, mulher.

Carta

Trocas

Estou feliz pelo **Mulherio!** Agora, ao invés de procurar nas bancas tão distantes, podemos conversar em casa, através da assinatura.

O movimento feminista me despertou há três anos, quando me uni ao Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro, mas esse interesse vem do meu campo de trabalho também. Sou enfermeira (95% da nossa força de trabalho é feminina) ligada à área de atendimento Materno-Infantil. Vejo de perto toda a desinformação da mulher, no que diz respeito ao seu auto-exame, e até à sua opção de reprodução ou mesmo sexualidade.

Gostaria imensamente de receber o **Mulherio** periodicamente. Sem mais, parabéns, muita força pra continuarmos nossa luta.
Teresa Ferreira, São Paulo.

Interesso-me por entrar em contato com as colegas advogadas a fim de trocarmos informações sobre a situação jurídica da mulher, principalmente no que diz respeito ao projeto de reforma do Estatuto da Mulher Casada. Aqui no Recife, faço parte da Casa da Mulher do Nordeste, instituição que tem por finalidade promover o desenvolvimento da mulher.

Eliomar Medeiros Ribeiro, Rua do Bom Jesus, 226, 1º andar, 50.000, Recife, PE.

Escreva, goiana. Nós queremos

Sendo eu moradora de um remoto município goiano, só hoje, através da TV Mulher, eu soube da existência do jornal **Mulherio**, o qual me interessou bastante. Ficarei imensamente agradecida se me enviarem os papéis correspondentes à assinatura anual. Não sei se há colaboração dos leitores nos artigos impressos, mas, caso haja, gostaria de poder enviar alguns escritos (que mulher não os têm?), pois penso que a participação de mulheres anônimas, que realmente têm algo a dizer em prol de todas as representantes do sexo feminino, deve ser a tônica de um jornal criativo e interessante.

Jane Junqueira de Faria Bittar, São Simão, GO.



Mulherio abala novas estruturas!!!

Achei mesmo sintomático o tom "revoltante" com que Marlene Bilenky fez a crítica ao meu livro **O Que é Poesia**, da coleção **Primeiros Passos**. Num tempo em que as relações se circunscrevem dentro das leis estritas da divisão do trabalho, nada mais coerente do que — fazendo uma leitura desatenta e às avessas, como ela fez do meu livro — classificar a produção poética, segundo a genitividade: mulheres e homens aprisionados em seus poemas específicos. Há uma triste coerência nisso, é certo, mas falsa neste caso.

Tanto é que a conclusão a que posso chegar pela sua resenha é que Marlene, intencionalmente ou não, só leu algumas páginas e a bibliografia. Senão, como explicar suas incorreções na própria exposição do conteúdo do livro? Para começar, eu digo literalmente que não pretendia fazer uma "reflexão histórica a respeito da poesia, desde os tempos mais remotos até os atuais", como afirma a resenha. Muito menos fiz um "percurso geográfico" da poesia, do Oriente ao Brasil, o que seria impossível num livrinho destes. Será isso desatenção da resenhadora? Ou manipulação para buscar cumplicidade fácil dos leitores?

O pior é quando afirma que em **O Que é Poesia** não consta a figura da mulher como musa poética. Será uma questão de miopia? Ou, então, ela nem leu a segunda página do livro que logo traz um trecho do **Cântico dos Cânticos**, sobre a paixão: "Põe-me com um selo em teu coração/como um selo em teu braço..." E daí por diante, sem ler as últimas páginas; do contrário depararia na pág. 100 com uma clara referência à combustão do fazer amor. E quanto aos poemas transcritos, já que Marlene reivindica a presença da mulher, pergunto: de onde vem a sua certeza de que o

poema de um anônimo esquimó (pág. 19), ou dos camponeses do Japão (pág. 72) ou a composição irlandesa (pág. 85) não tenham sido escritos e vividos por mulheres? Conclusão: creio que a falta de poesia feminina em meu livro apontada por Marlene, é diretamente proporcional à sua falta de sensibilidade poética.

A estória continuou no **Mulherio** nº 11, quando se deu voz ao Caio Graco, da Brasiliense, fazendo a sua penitência masculinista e anunciado em grande destaque gráfico "Mulherio abala estruturas editoriais paulistas". Caramba, que abalo (entre aspas) de arromba!!! E a pergunta fica no ar: por que, ao invés de lançar bardos ocios, o **Mulherio** (do qual, aliás, gosto muito) não promove de verdade um debate amplo e aberto — democrático, sob todos os sentidos —, sobre a produção poética das mulheres e suas contingências? O tema, além de interessar a todos, certamente descortinará críticos muito mais avançados do que a mera demarcação genitil em que Marlene se baseia. Quanto a **O Que é Poesia**, os leitores e leitoras que percorram suas páginas e tirem as próprias conclusões.

Um abraço e sucesso com o novo tamanho tablóide.
Fernando Paixão, São Paulo, SP

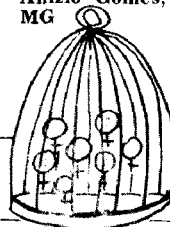
P.S. — Solicito ao Conselho Editorial de **Mulherio** a publicação desta carta, na íntegra. Saudações poéticas!

Resposta da Marlene a Fernando:

O meu eu genitil pede perdão e agradece tua clarividência de me ensinar que a poesia dos esquimós, camponeses e irlandeses poderia ser de mulher (ué, não é percurso geográfico?). Farei um curso de leitura e de sensibilização poética, tá?

Que mineirinho simpático!

Não sou feminista. Apesar de eu ser do sexo masculino, não vou contra o trabalho de vocês porque sou a favor de uma liberação de direitos e deveres para todas as pessoas. Tenho 18 anos, tenho uma namorada, e nosso relacionamento é divino, devido a um grande entendimento e respeito ao individualismo próprio de cada um. Se vocês acharem que seria possível, peço para mandarem uma folha de preenchimento para que eu possa fazer uma assinatura.
Anizio Gomes, Dores do Indaiá, MG



De uma prisão americana

Eu estou numa prisão aqui nos Estados Unidos e gostaria de me corresponder com alguém daí. Se vocês tiverem algum tipo de lista, eu estou bem interessada.
Anna Schuler, P.O. Box 17, Gig Harbor WA. 98335, USA

Quem somos

Conselho Editorial — Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruchini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvvia Rosemberg, Heleith Saffioti, Léila Gonzalez, Maria Carmelro da Cunha, Maria Malta Campos, Maria Moraes, Maria Rita Kehi, Maria Valéria Junho Pena, Mariza Correa e Ruth Cardoso.

Equipe — Adélia Borges e Fúlvvia Rosemberg (editoras), Marlene Rodrigues (edição de artes), Wanda Nestleher (repórter), Miriam Tanus (secretária), Roberta Masciarelli (ilustradora) e Linda Melo (administradora).

Assessoria — Florisa Verucci (jurídica) e Fátima Jordão (publicitária).
Jornalista responsável — Adélia Borges, registro no MTB nº 10.680, SJESP 4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. Pede-se permissão com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511, ramal 247.

Solteira, sim. Casada, não

A discriminação a mulheres casadas nas empresas é um fato corriqueiro. Mas, em São Paulo, o Sindicato dos Químicos conseguiu dar ampla publicidade a um caso comprovado de discriminação, nos Laboratórios Ayerst.

No dia 20 de dezembro do ano passado, Wilma Ito, uma nissei de 35 anos de idade, saiu de casa de manhã, como fazia desde abril de 1969, para cumprir mais uma jornada de trabalho nos Laboratórios Ayerst Ltda., São Paulo, onde era encarregada na seção de embalagens. Naquele dia, ia até mais satisfeita: levava na bolsa um punhado de impressos azuis com pombinhos brancos e asas douradas, os convites para seu casamento com José.

Wilma distribuiu convites para as amigas, afixou um na parede do refeitório e com toda cerimônia foi entregar um ao seu chefe imediato. Sem constrangimento, ele logo anunciou qual seria o presente de casamento a uma dedicada funcionária com mais de 13 anos de serviço: "Sabe como são as coisas aqui. Se você casar não poderá continuar trabalhando, a empresa não aceita mulher casada".

Timida, e mais ainda surpresa, não teve resposta. Virou-se e foi para a linha de embalagens. No dia 8 de janeiro, Wilma e José casaram-se na Igreja Santo Antônio de Lisboa. O casamento no civil estava marcado para 30 de janeiro, mas no dia 10 Wilma foi mandada embora.

Um primor

O que Wilma não sabia, nem sequer imaginava, é que exatamente uma semana antes de seu convite de casamento começar a circular entre os colegas de trabalho, o presidente dos Laboratórios Ayerst Ltda., empresa multinacional com 350 funcionários no bairro paulistano de Tatuapé, assinara e mandara aos chefes e gerentes uma correspondência interna cujo assunto era "Permanência de funcionárias grávidas".

A correspondência, que acabou chegando às mãos de um diretor do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo que trabalha naquela empresa, é um primor de retrato da discriminação à mulher. Releve os erros de português e veja:

"Fica determinado, o que aliás, já é prática, que não se admitirá casadas para Secretárias ou outras funções. Admitir-se-á casadas, excepcionalmente, para o cargo de Secretária, quando já realizadas em filhos e quando são um risco menor que recém-casadas, ainda sem filhos, além de mais experientes.



"A permanência de uma secretária, ou não, depois de casada, cabe ao respectivo superior decidir, tendo em conta seu mérito versus as muitas incertezas às quais uma gravidez expõe o regular comparecimento e o desempenho no trabalho.

"Funcionárias outras que Secretárias, que houverem casado deverão ser substituídas por solteiras, exceto se o atestado médico atestar a sua esterilização ou infertilidade, ou, já existentes no quadro, houverem atingido a menopausa".

Wilma não foi a primeira vítima da medida adotada por Virgílio Weiller, o presidente dos Laboratórios Ayerst, que certamente se imagina gerado em proveta. No dia 3 de janeiro, Rosana Aliende Pelt foi demitida pelo mesmo motivo. Casada há dois anos, ela trabalhava na Inspeção de Qualidade desde 1980. Mas duas semanas depois de a correspondência interna chegar à sua seção, o chefe comunicou que estava despedida porque a empresa não queria mais mulher casada.

Barulho na imprensa

Com a correspondência nas mãos, o Sindicato dos Químicos (que tem seis mulheres na diretoria atual, inclusive a secretária-geral, Nilza Port, contra apenas duas na diretoria anterior) tratou de agir. Deu ampla publicidade ao caso, provando que a discriminação à mulher no trabalho realmente existe.

Depois de muito barulho pela imprensa, a Ayerst anunciou que aquela correspondência interna fora revogada. Tal revogação, no entanto, foi apenas formal, pois a empresa estava frontalmente contra o artigo 391 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Diz o artigo: "Não constitui justo motivo para a rescisão do contrato da mulher o fato de haver contraído matrimônio ou encontrarse em estado de gravidez." Parágrafo único: "Não serão permitidos em regulamentos de

qualquer natureza, convenções coletivas ou contratos individuais de trabalho, restrições ao direito da mulher ao seu emprego, por motivo de casamento ou gravidez."

Na prática, a discriminação continua a existir na Ayerst e em muitas outras empresas. Wilma e Rosana não são seguramente as únicas mulheres que nos últimos meses passaram a engrossar o contingente de desempregadas no país pelo simples fato de serem casadas.

Por isso mesmo, apesar da revogação formal da correspondência interna, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo está levando o caso em frente, movendo um processo criminal contra o presidente da Ayerst, Virgílio Weiller.

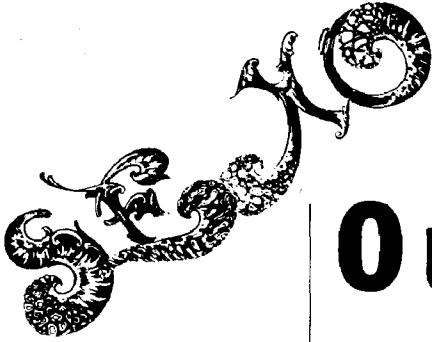
Para o advogado Manoel Ariano, do Departamento Jurídico do Sindicato, "o que interessa é que o presidente da empresa cometeu um delito previsto no decreto-lei 5.473, que prevê pena de prisão de três meses a um ano para quem pratica este tipo de discriminação".

O próprio advogado reconhece que a queixa-crime impetrada é uma causa polêmica, mas lembra que, além do documento assinado, o Sindicato conta com duas peças fundamentais, que são exatamente Wilma e Rosana, as próprias vítimas da discriminação.

Além disso, Virgílio Weiller, ao ser entrevistado pela repórter Isabela Assumpção, no *Jornal Nacional* levado ao ar pela TV Globo no dia 22 de janeiro, não se fez de rogado. Explicou que as instruções contidas na correspondência visavam a um melhor aproveitamento dos recursos humanos da empresa, pois "mulher grávida traz muito problema".

E com ar de auto-suficiência, sem ficar vermelho, disse que a assinatura do documento fora "um momento filosófico".

Valdeci Verdelho



O uso do corpo nas classes sociais

O novo livro de Rose Marie Muraro — Sexualidade da Mulher Brasileira — Corpo e Classe Social no Brasil — mostra como se dá a articulação entre o sexual e o social e, por extensão, entre a esfera privada e a pública. Maria Carneiro da Cunha entrevistou Rose e, aqui, fala sobre o livro.

A busca dos pontos de ligação entre a chamada "luta geral" e a luta específica dos vários movimentos sociais que se desenvolveram com muito ímpeto no Brasil, nos últimos anos, como veículos de reivindicações de setores da população rotulados como minoritários (mesmo quando não se referem, como no caso das mulheres, a minorias nu-

Você gosta do próprio corpo?

Gosto e acho que a estética do corpo é algo maravilhoso, essencial. (...) No Brasil, ser bonita é importante e as que entendem isso demonstram ter muito bom senso. (Mulher da burguesia, Rio de Janeiro.)

méricas) tem sido preocupação constante não só daqueles que deles participam, como dos que procuram balizar seus possíveis caminhos no campo prático e teórico. Em meio a muitos escritos e posições bastante dogmáticos e pouco esclarecedores, surge agora a pesquisa coordenada por Rose Marie Muraro, *Sexualidade da Mulher Brasileira — Corpo e Classe Social no Brasil*, editada pela Vozes, num caminho exatamente oposto e bastante original, que faz surgir muitos pontos para a reflexão.

A preocupação básica do livro é mesmo de toda a pesquisa — embora seus objetivos se tenham ampliado na medida em que ela ia avançando — foi a de verificar como se dá a articulação entre o sexual e o social e, por extensão,

entre a esfera privada e a pública, e que tipo de diferenciações podiam ser atribuídas às duas grandes variantes que são o sexo e a classe social entre os grupos de pessoas entrevistadas.

As entrevistas com homens e mulheres permitiram demonstrar uma importante clivagem por sexo em relação à maioria dos itens propostos. "Acho que uma das coisas que ficaram mais claras nas respostas aos questionários — afirma Rose Marie Muraro — foi o fato de que boa parte das atitudes e aspirações que se atribuem às mulheres correspondem, na realidade, à imagem que o homem tem da mulher e não ao próprio desejo desta. Isso é bem nítido, por exemplo, nas respostas a respeito do casamento entre representantes de classe operária em São Paulo (Osasco), na qual os homens se dizem em maioria contentes com o casamento e as mulheres decepcionadas."

As respostas correspondem a um fato real: a de que o casamento é bem mais vantajoso para o homem desta classe do que para a operária, que, em geral, acumula mais uma jornada de trabalho. Entre camponeses, essa dupla e, às vezes, até tripla jornada é bem evidente, pois, mesmo em condições de sobre-exploração, os homens sempre mencionam algum momento de lazer na descrição de

Gosto muito do meu copro quando fico grávida, porque então ele fica forte. (Mulher do Agreste, Pernambuco.)

sua vida diária e isso praticamente não ocorre com as mulheres. Entre homens camponeses e operários, transpareceu também um grande temor em relação às mudanças do papel tradicional da mulher.

Rose Marie Muraro dá especial importância aos depoimentos colhidos entre os camponeses de Pernambuco, porque nunca foi feita uma pesquisa sobre a sexualidade nesse grupo social. "Creio

Como aprendeu a cuidar do corpo?

Na minha casa com minha mãe e babá. Desde cedo fiz balé, depois parei. Minha mãe era muito preocupada com beleza, maneiras, elegância; era muito rígida nisso. (Mulher da burguesia, Rio.)

Minha avó praticamente me criou. Eu ia pro Rio com ela, um dia, eu ainda me lembro, ela disse: "Chiquim", vá pra longe que comadre vai tomar banho. (Camponês, Zona da Mata, Pernambuco.)

que pela primeira vez obteve-se a fala direta da camponesa sobre esse tema, ficando claro que reside aí a maior resistência a qualquer tipo de controle da natalidade. Há um medo efetivo em relação a certos métodos como a pílula, que se detecta até a nível da fabulação que entre elas é muito rica. Outro ponto que ressalta é que quanto maior é a dominação do homem sobre o homem, maior

é a dominação do homem sobre a mulher, mostrando que as duas coisas estão ligadas à mesma lógica de exploração." A classe média moderna foi aquela em que houve a proximidade maior entre as respostas de homens e mulheres, indicando que uma profunda modificação dos padrões está ocorrendo nesta classe. "Esta foi uma das surpresas desta pesquisa, pelo menos para mim", comenta Rose. "Ao entrevistar pessoas desta faixa, que em muitos casos se aproximam da burguesia em termos de renda, achávamos que as respostas seguiriam padrões bastante semelhantes, mas o que ocorreu foi exatamente o contrário. Basta ver itens como o referente à superioridade erótica do homem, com a qual 87% de mulheres da classe burguesa concordam e 87% de mulheres da classe média alta discordam. Os resultados são quase que opostos, o que nos levou à conclusão que, mais que a renda, o que importa é a posição em relação à produção. A classe média alta não controla efetivamente os meios de produção, o que a diferencia da burguesia".

Se na classe média as modificações comportamentais podem estar realmente ligadas a uma mudança mais profunda, na burguesia, entretanto, elas ocorrem muito mais a nível de discurso e só atinge o comportamento na medida em que a base familiar-patrimonial não é afetada. "O discurso das burguesas — esclarece Rose Marie — apresentou duas vertentes principais: uma mais conservadora e puritana e outra mais

moderna e avançada, sobretudo entre as mulheres mais jovens. Nessa faixa, existe a reivindicação do prazer, há uma grande preocupação com o corpo (mas de uma forma objetivada através da estética) e usa-se até um vocabulário (ou um receituário) colocado em pauta a partir das correntes de protesto da década de 60. Só que o que era sintoma de rebeldia foi totalmente incorporado, recuperado e absorvido”.

Outro ponto a destacar é que foi esta classe — em que os homens detêm, através do dinheiro, as maiores doses de poder econômico, político e erótico — a única em que eles acharam que a vida da mulher é melhor que a do ho-

Como era a mulher antigamente e como é hoje

Mudou. A mulher antigamente não trabalhava como hoje. Agora está em fim de era. A vida é muito difícil. É o fim do mundo. (Camponesa da Zona da Mata, Pernambuco)

mem, a indica que a mulher burguesa realmente é que desfruta mais concretamente da mais-valia, sem praticamente ter de dar nada em troca. Os homens ainda enfrentam as tensões da competição e das decisões e são aqui excepcionalmente mais sacrificados que suas mulheres. Isso transparece na frase de um deles: “É muito melhor dar de mamar do que ter que enfrentar reunião de diretoria”.

Mas, em todas as classes, diz ela, “a idéia que o homem tem sobre o seu próprio corpo e mesmo o seu erotismo é muito mais genitalizado e masculino”. Em alguns casos, a descrição do corpo ligada à de desempenho e, especialmente, de mecanismo, é bastante sensível, sendo mais nítida na classe operária. Essa imagem é bastante clara no depoimento de um operário, que descreveu seu próprio corpo assim: “Pesa normal, altura boa, pratica esporte e funciona normal. O corpo é uma máquina, aliás, melhor porque move tudo o que você quer, obedece a mente, traz a principal ‘coisa’, a riqueza, que é a relação sexual”. Há, portanto, uma assimilação do corpo com a máquina que o operário manipula e que também produz “riqueza”.

Essa concepção mecanicista



Ilustração Odair Guattieri

do corpo é bem mais rara ou praticamente inexistente entre as mulheres, embora seja forte em algumas camadas uma concepção utilitarista do corpo que é apto para o trabalho ou para a maternidade. Isso ocorre com mais frequência entre as camponesas da Zona da Mata (Pernambuco).

Rose Marie atribui isso a circunstâncias históricas: “O homem sempre esteve mais ligado à lógica da produção e teve por isso seu corpo mais normalizado”. A mulher sempre esteve, até há pouco tempo, mais ligada à lógica da vida, pois o seu campo se restringe à reprodução. A normalização corporal voltada para a produção foi por isso menor em relação a ela.

Mas um outro ponto que Rose destaca é que nenhum sistema é monolítico ou impermeável à transformação. “Existem sempre brechas ou fissuras sobre as quais se pode agir e creio que uma delas está precisamente no campo da sexualidade, quando se percebe como ela está interligada com o resto. Essa pesquisa buscou, de certa forma, algum tipo de resposta válida para o problema do específico e do geral, que algumas cor-

rentes colocam como duas vertentes opostas, mas que, na verdade, estão embutidas uma na outra, como certas caixinhas chinesas. Isso pode ajudar a entender por que certas camadas oprimidas têm tanta dificuldade para se organizarem (e a opressão transparece claramente nos questionários), pois seu desejo foi condicionado a agir no sentido contrário ao seu interesse.”

Difícilmente se pode acreditar que indivíduos estritamente normalizados num campo se transformarão em revolucionários em outro. Dessa forma, nenhuma transformação real se concretiza, mas há apenas uma repetição dos velhos modelos sob outros rótulos.

Em suas reflexões finais, a autora redefine o que consideraria um corpo realmente liberto, colocando essa libertação em estreita ligação com uma libertação muito mais geral no âmbito social e não num contexto meramente individualista, que excluiria imediatamente a maior parte da humanidade. Está implícita a idéia de que não é possível a libertação de uma parte sem a libertação do todo e de que ninguém pode se proclamar

livre numa sociedade de exploração e de dominação.

Essas teses se opõem diametralmente à chamada “revolução sexual” que os meios de comunicação refletem — a mera manipulação da sexualidade e do desejo em benefício de uma lógica que pouco tem a ver com a libertação

Qual o tipo ideal de mulher?

Tamanho médio, tipo violão, morena. (Homem do Agreste, Pernambuco)

É aquela que é gorda, forte, limpa, fiel ao marido e que não é fofoqueira. (Camponesa da Zona da Mata)

Casada, que cuida bem do marido, que tem dinheiro, passeia muito, trata bem das crianças. (Mulher da classe operária, Osasco)

Gosta de ter relações? Goza?

Bonzinho, sempre presta. (Mulher do Agreste)

Não gosto, pois fico logo grávida e não sinto nada. (Camponesa da Zona da Mata, Pernambuco)

Por mim, tinha todo dia, pois sinto muita coisa. (Camponesa da zona da Mata, Pernambuco)

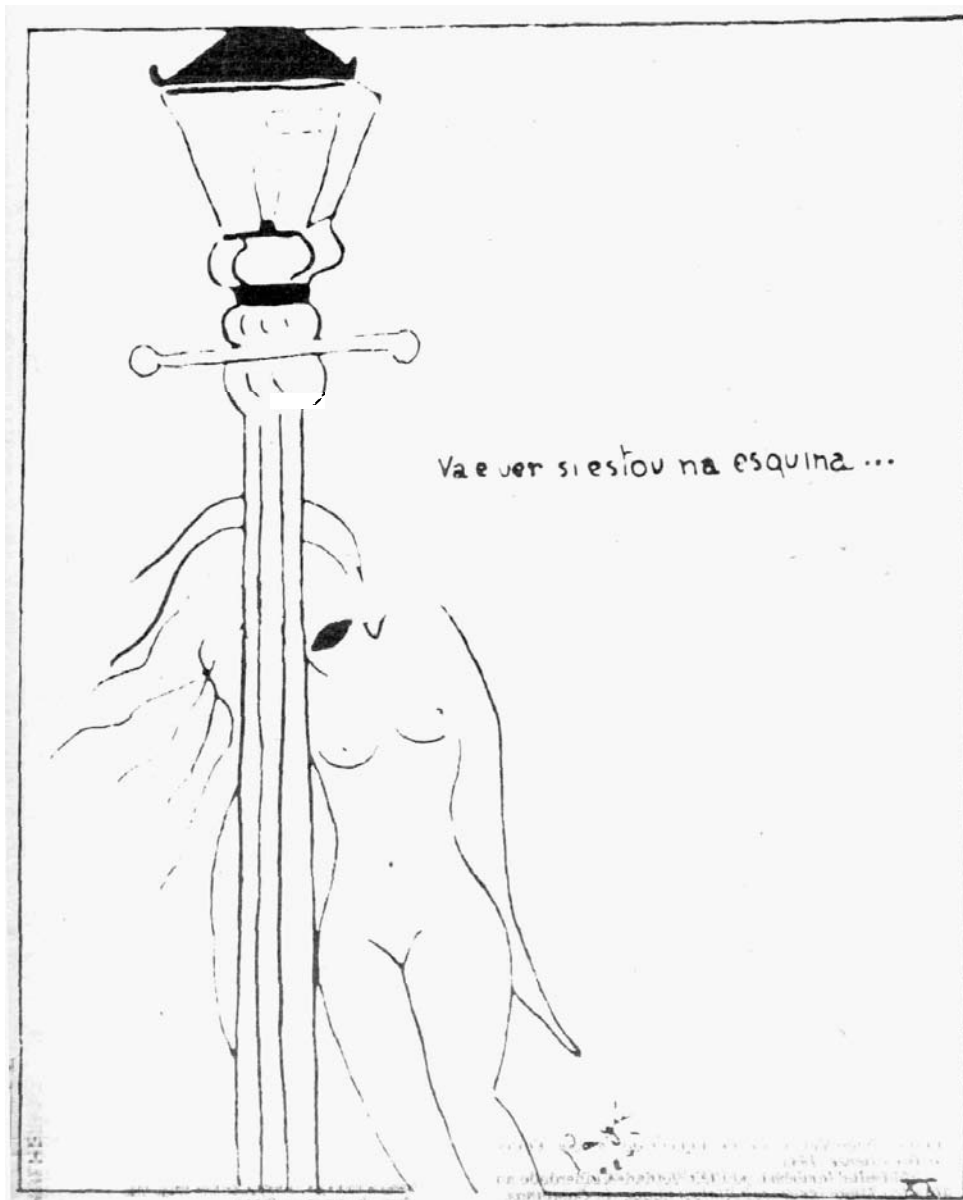
Com meu marido não. Tenho a impressão de que com outro gozaria. (Mulher da classe operária, Osasco)

dos indivíduos. Rose Marie Muro indica, entretanto, os comportamentos que já aqui e agora podem constituir um índice de uma mudança nesse sentido mais amplo e promete que essa pesquisa, já muito rica no presente estágio, será complementada por outras que abordarão especificamente a classe média moderna e o subproletariado lumpen das favelas, os dois setores que indicaram menor índice de normalização, embora por motivos diversos.

Maria Carneiro da Cunha



**"Além... muito além do Martinelli...
Filha da lua... filha do Sol. ...Pagu nasceu."**



Patricia Galvão (1910-1962) foi normalista na São Paulo provinciana do começo do século, levada da breca... pulando janelas e muros da Escola, cabelos cortados e eriçados, blusas transparentes de decotes arrojados, cigarros fumados em plena rua. Escândalo, para a época.

Em 1929 ligou-se ao movimento da Antropologia, com Oswald de Andrade, Raul Bopp, Geraldo Ferraz e outros. Era a ala esquerda e anticatólica. Sempre levada da breca, simulou um casamento com Belisário Amaral, saiu para a lua-de-mel e numa curva da estrada de Santos fugiu com Oswald de Andrade. Novo escândalo. Juntos, Oswald e Pagu tiveram um filho, entraram no Partido Comunista Brasileiro e montaram um jornal panfletário, *O Homem do Povo* (onde Pagu escrevia a seção *A Mulher do Povo*).

Em 1931, em Santos, ela foi presa num comício que relembrava a execução de Sacco e Vanzetti. Em seguida, obedecendo à linha do Partido, proletarizou-se, trabalhou de bilheteira num cinema e, sob o pseudônimo de Mara Lobo, escreveu o romance proletário *Parque Industrial*.

Viajou. Em Paris, ingressou no Partido Comunista Francês. Ligou-se aos surrealistas, frequentou a *Université Populaire*, organizada pelo PCF para trabalhadores. Logo juntou-se a grupo crítico à política do PCF. Em 1935, foi presa como militante comunista estrangeira e deportada para o Brasil.

Preso pelo Estado Novo, só foi libertada cinco anos depois. Crítica ao PC, em 1945 ligou-se ao grupo que editava a revista *Vanguarda Socialista*, ao lado de Mário Pedrosa, Geraldo Ferraz, Hilcar Leite, Edmundo Monis.

Nos anos que se seguiram, Pagu voltou à literatura, escreveu um romance em colaboração com Geraldo Ferraz, com quem se casara e tivera um filho. Estudou Arte Dramática, colaborou em vários jornais e em 1950 voltou à política, candidatando-se a deputada estadual pelo Partido Socialista Brasileiro.

Doente, com câncer, foi a Paris para uma operação. Mas, desenganada, tentou suicídio e voltou ao Brasil. "Morreu aqui meses depois", diz Alfredo Mesquita. "Via-a ainda duas vezes em casa de parentes, sentada na cama, o tronco ereto, fumando, fumando

quem resgatará pagu?

**Patricia Galvão (1910-1962)
que quase não consta das
histórias literárias e
das pomposas enciclopédias
provincianas, uma sombra cai
sobre a vida dessa grande
mulher, talvez a primeira mulher
nova do Brasil da safra deste
século na linhagem de artistas
revolucionárias como Anita
Mafalhti e Tarsila, mas mais
revolucionária como mulher
Augusto de Campos**

sempre. Os olhos muito pretos, ainda vivos, fixos em mim com aquela expressão de angústia e interrogação dos que vão morrer.”

Ela que dissera:

“Quando eu morrer não quero que cho-rem minha morte. Deixarei meu corpo pra vocês”.

“Quero ir bem alto”

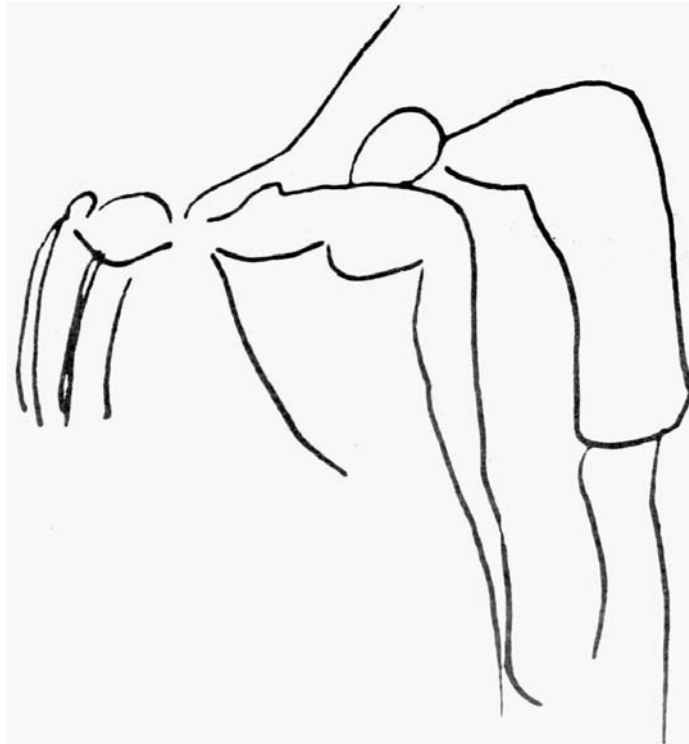
A “vida-obra, obra-vida” de Pagu, até bem pouco esquecida não fora o belíssimo trabalho de Augusto de Campos, provoca reflexões muitas e inquietações profundas.

Um dia, referindo-se à pintora e sua protetora Tarsila do Amaral, Pagu disse: “Ela me parece ser o nosso primeiro caso de emancipação mental entre as mulheres paulistas.” Mas essa frase se aplica a ela própria. Pagu se autodefinia rebelde. “Soltava papagaios e voltava pra casa sem batom.”

Em 1929, estavam ela e sua irmã Sidéria no hall da Escola Normal do Brás quando chegou Reis Júnior para visitar Guilherme de Almeida, secretário da escola. Sidéria conta: “O Reis Júnior era um rapaz belíssimo...Ele subiu a escada, era tão lindo, a Pat fez fiu fiu pra ele e ele olhou. A gente ficou esperando o Reis Júnior voltar e ainda a Pat perguntou: onde vai você?”

Recusava a hipocrisia da falsa moral. Na cluina *A Mulher de Povo*, criticou as garotas tradicionais de São Paulo — “as normalinhas que deturpam os fatos escandalosos de uma guria mais sincera, em luta corporal contra o controle cristão.” E diz: “Eu que sempre tive a reprovação delas todas; eu que não mentia, com as minhas atitudes, com as minhas palavras e com a minha convicção...”

Não foi menos mordaz contra “o batalhão do feminismo ideológico” e “estas feministas de elite” que “se esqueceram que a limitação da natalidade já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problemas todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos...” (referia-se às idéias de Maria Lacerda de Moura sobre o controle da natalidade)



“Uma rocha de golpes e amarguras”

O antifeminismo de Pagu, o realismo proletário, esquemático e maniqueísta do romance *Parque Industrial* se inscrevem no quadro de seu radicalismo. Em 1952, escrevendo um comentário sobre o artista plástico Cícero Dias, ela diz que o conheceu “quando ainda éramos antropófagos, antes da minha passagem pelos dez anos que abalaram meus nervos e minhas inquietações, transformando-me nesta rocha vincada de golpes e de amarguras, destrocada e machucada, mas irreduzível.”

Irredutível e dramática foi sua crítica aos anos de militância no PC, no panfleto *Verdade & Liberdade*. Definiu-se então contra a esquerda totalitária que “distribui palavras de ordem arruinando a democracia” e “contra a Direita Reacionária...”. Sua proposta: “Trata-se de procurar compreender antes de resolver qualquer passo. Para isto é preciso pensar na verdade dentro da liberdade irrestrita. Não perecerá a Liberdade para que o Socialismo triunfe”.

Lúcida e penetrante Pagu, em busca da verdade. “Descrente de tudo”, mas contra todos os conformismos. O conformismo na política, o conformismo nos costumes (“estas mães que querem que as filhas façam do casamento um caixão até que apodreça e arrebente”).

A verdade na política, na arte e na vida. (“Eu quero o cinema sexual — onde o amor compõe a trama quotidiana em que se enroscam homem e mulher”).

Corroída nesta busca solitária (“Não há que temer se somos poucos”).

Elizabeth Souza Lobo

As citações de Pagu e sobre ela foram feitas a partir do livro *Pagu Vida-Obra*, de Augusto de Campos, Editora Brasiliense, 1982. Consultei também o panfleto *Verdade&Liberdade* no arquivo Edgar Leuenroth/Universidade de Campinas.

“Nada mais sou que um canal
Seria verde se fosse o caso
Mas estão mortas
todas as esperanças
Sou um canal
Sabem vocês o que é
ser um canal
Apenas um canal?”

Fotos e ilustrações extraídas do livro “Pagu Vida-Obra”, de Augusto de Campos



Foto: Nair Benedito Ag. F14



Entre a família e a linha de montagem

Mireille Nathanmurath, psicóloga trabalhando na rede de creches públicas parisienses, questiona essa instituição, na perspectiva da família, do profissional e da criança. Seu texto, Duas manhãs na creche, foi publicado originalmente em 1977 no livro de Jacques Hassoun, Crèche: entre la mort et la famille, Editora Payot. Com certeza a reflexão sobre a instituição creche em países desenvolvidos é diferente da nossa, conseqüência de uma história mais antiga de peculiaridades culturais, de o equipamento servir a uma clientela menos pobre, e de poder contar com verbas maiores.

MULHERIO-8 *Por que então Mulherio publica a tradução de um texto sobre creche de país rico, que já não precisa mais se empenhar para eliminar a desnutrição de suas crianças? Coisas de feministas burguesas*

que vivem a caraminholar teorias exóticas. O que precisamos é só de mais verba! O resto vem depois, ora essa! Precisamos sim de mais dinheiro para termos mais creches, com comida boa, material de estimulação e assistência de saúde; a creche precisa, sim, de verbas suficientes para poder contratar mais gente, pagar um salário equivalente à responsabilidade que se lhe pede. Mas isso não é tudo.

É preciso que se pense também, e com muito cuidado, na proposta educativa da creche; que se atente para a articulação que propõe entre o trabalho da mulher, a família patriarcal e a socialização do filho.

Por isso Mulherio traduziu esse texto de Mireille. (Tradução e condensação de Fulvia Rosemberg).



Manhã de mãe

Há três anos eu levava meu filho só até a porta dos vestiários da creche. Um dia a diretora me ofereceu a oportunidade de passar um período com ele, em sua própria seção. Era a "operação portas abertas aos pais", uma experiência tida na época como piloto e que consistia na possibilidade excepcional, autorizada pela administração a pedido da diretoria e da psicóloga, de transpor os limites da legislação.

A experiência foi analisada positivamente, mas nem por isso a legislação foi modificada posteriormente e as diretoras de creches não tentariam generalizá-la em seus estabelecimentos. É preciso salientar que cada creche constitui uma imagem muito próxima da personalidade mais ou menos ansiosa e obsessiva de cada diretora. A inércia relativa de um pessoal pouco preparado a questionar seus hábitos — e tanto menos disposto a fazê-lo na medida em que estes hábitos são antigos e por ser essa antiguidade muito mal remunerada, em condições de trabalhos difíceis, esta inércia fez o resto.

Quanto aos pais, eles se vêem como um punhado de privilegia-

dos que tiveram a rara oportunidade de ver a inscrição de seus filhos emergir de uma lista de espera antes da idade de entrar no maternal.

Fui então convidada uma manhã de inverno a transpor os limites dos vestiários, a atravessar o banheiro e me sentar num canto da sala. Ainda de pé, emocionada e acanhada, as crianças que já me conheciam do vestiário, inclusive meu filho, ficaram impressionadas pelo caráter insólito de minha aparição neste universo fechado. É verdade que, de tempos em tempos, aparecem novos rostos graças ao movimento do pessoal e dos estagiários em formação, mas são rostos que emergem sempre do eterno avental cor pastel. Eu não estava de avental. E todos esses olhares infantis se voltam para mim.

Alguns se atrevem e se aproximam: um me estende um brinquedo, outro toca meu vestido, o terceiro se encosta nas minhas pernas, outro quer pegar meu colar. Me sinto como que subjugada. Quase em pânico, revejo a cena do filme Barbarela, eu sou Barbarela amarrada na gruta, prestes a sucumbir sob as mordidas dos dentinhos das crianças — bonecos mecânicos. O coelho bem nutrido pelas crianças da seção (intrusão de animais, a creche é decididamente "piloto") vem roer meus sapatos. Mas agora, as crianças já estão dominadas por uma "tia" competente e dinâmica que as conduz a uma série de brincadeiras de roda e de exercícios de ginástica. Eu observo, sentada no meu canto.

Mais tarde, poderei me juntar às brincadeiras das crianças durante a meia hora de "jogos livres", quando uma a uma, elas

são chamadas pelo nome e convidadas a escolher um jogo educativo, ou um dos quatro cantinhos: boneca, pintura, água ou garagem.

Encontrei estes mesmos fantasmas, esta organização do espaço e do tempo em todas as creches que percorri mais tarde, como psicóloga estagiária, e depois em plena atividade profissional. Este ritmo de atividade entre cada uma das pausas — 9,30 h suco de frutas vitaminado; 11,30 h almoço; 15,45 h lanche, seguidas quase sempre de seções coletivas de ida ao banheiro — me parece paradoxalmente ser o modo de defesa mais comumente adotado para conjurar a angústia da devoração que não encontra nenhum lugar para se verbalizar.

Depois da aprendizagem dos rituais do saber-se-comportar-à-mesa, da limpadeira nas mesas e no chão, do xixi, vem a hora do sono. Venezianas cerradas deixando filtrar o dia. As caminhas são alinhadas, as crianças descalças deitam mais ou menos ruidosamente.

A voz da tia faz com que cada um se silencie; as crianças caem no torpor do sono ao som desta voz de mulher vibrante murmurante, cada vez mais longe, estranhamente familiar. Eu ainda ali, devo partir, é preciso partir. É o tempo das conversas e do tricot entre colegas.

Sinto uma palpitação gostosa, sempre tão esperada desde que me lembro de mim. As crianças também estariam atentas? E as tias teriam alguma vez imaginado a emoção que suscitam em todas essas crianças, em suas colegas, na mãe ou na psicóloga, aquelas deitadas, estas sentadas na penumbra? Os odores de alimento, de xixi e de cocô de antes do sono pairam no ar, íntimos, quentes, ruídos de roçar dos aventais e dos lençóis pela passagem das tias.

Ah! Vocês que se amedrontam tanto, vocês que reprimem escrupulosamente as melhores emoções, vocês já imaginaram alguma vez que a sexualidade — do fantasma mais arcaico à genitalidade pressentida no quarto dos pais, passando pelo onanismo que tem como pano de fundo o fantasma do corpo da mãe, passando pela promiscuidade homossexual do gineceu — encontra um lugar para viver aí também, enquanto estes anjinhos estão deitados, bem-comportados, cada um na sua cama, uma mão sobre o lençol, um polegar na boca, os olhos semicerrados?

2.

Manhã de psicóloga

Passo toda uma manhã na seção dos "grandes" com a professora* e a auxiliar. Têm a mesma idade, mas a auxiliar de puericultura trabalha há mais tempo que a professora, pois seguiu um ciclo de estudos secundários e profissionais mais curto. Visivelmente elas vêm de meios sócio-econômicos diferentes, fato que envaidece a professora. Aliás, é ela quem possui postos e títulos, o que lhe faz supor que de alguma forma deveria poder compensar sua insuficiência frente à prática e ao maior tempo de serviço da auxiliar.

Enquanto lida com uma criança, a professora me fala, mas de modo que a auxiliar escute: "Não dá pé entre Catarina e eu, nós somos muito diferentes; ela sabe se fazer obedecer, ela tem prática com as crianças, mas não tem teoria, e eu não estou de acordo com seus métodos. Gostaria de tentar aplicar métodos novos, mas não ousou, pois ela não estaria de acordo e não me auxiliaria". Catarina levanta a cabeça, parando toda atividade; me olha, esperando uma reação.

Desempenhando o papel da psicóloga, eu lhe pergunto: "O que você pensa disso, Catarina?" A auxiliar replica: "Bem, é verdade que a gente não vê as coisas do mesmo modo, pra mim, as crianças, é preciso que andem direito, e depois vai tudo bem, então..." Eu, prudente: "Mas vocês já tiveram a ocasião de falar dessas coisas que vocês não vêem da mesma for-

ma?" A auxiliar: "A gente sente, pra que falar? A gente só iria discutir, nada mais, o que não mudaria nada."

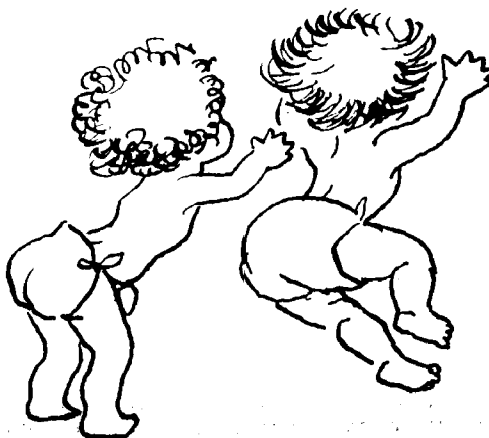
Eu não vou lhes recitar a oração sobre "a magia do verbo", enfim você é ou não é psicóloga, minha filha! Então eu: "Talvez se a gente prestasse mais atenção, Maitê, suas teorias não inovariam a tal ponto que fossem incompatíveis com a prática de Catarina e até poderia acontecer que a gente encontrasse entre vocês alguns pontos comuns, nem que fosse este sentimento de impotência de se constituir verdadeiramente numa equipe nas condições atuais de trabalho."

Silêncio das duas... Encadeio, assim mesmo, minha fala enquanto as duas lançam olhares inquietos ao escritório da diretora, esgrimindo de novo com as crianças que se aproveitam deste momento de desatenção para fazer bagunça e começam a misturar vários jogos educativos. Uma beleza! "A gente poderia talvez arrancar um tempinho para discutir tudo isso tranqüilamente, se vocês quiserem..."

O restante da manhã passo brincando com as crianças, estou encarregada de observar Patrício mais de perto. Patrício escolheu a cestinha de contas, a professora lhe mostra como se deve enfiá-las no cordão. Assim que ela vira as costas para cuidar de outra criança, Patrício entorna a cestinha e se diverte ao vê-las rolar pelo chão. Cai na risada. A professora fica furiosa e grita: "Patrício, põna todas essas contas na cestinha!" "Você vê, ele é muito jovem para esta seção, ele ainda não compreende como se deve brincar com um jogo novo." Patrício sai procurando as contas, mas apenas para fazê-las rolar mais longe.



Ilustração Lita Figueiredo



MULHERIO-9

3

Um gineceu para crianças pequenas

Toda a organização da creche é concebida para lembrar ao pessoal que elas devem se defender de um investimento libidinoso muito grande em suas relações com a criança, a qual nada mais é que o objeto suporte de seu trabalho assalariado. Oficialmente, a argumentação para esta interdição refere-se aos pretensos traumatismos aos quais a criança estaria automaticamente exposta pela separação cotidiana e precoce do convívio com sua mãe, corolário da vida em coletividade.

O encadeamento do discurso oficial é o seguinte: "Para que a creche não traumatize a criança, é necessário que ela lhe forneça ao mesmo tempo uma afeição e uma segurança de tipo materno e respeite a ligação privilegiada mãe-criança. Pois não se trata, acima de tudo, de tomar o lugar da mãe, trata-se de oferecer o melhor dos produtos possíveis de substituição".

A partir da eventualidade de uma possível angústia de separação, prognostica-se um traumatismo, sem mesmo refletir e imaginar condições para que os pais vivam a separação com um mínimo de angústia.

O reconhecimento da necessidade de uma criança estabelecer relações afetivas com aqueles que cuidam de seu corpo passa a significar relação materna, concluindo-se necessariamente pelo substituto da mãe, pessoal exclusivamente feminino, como a legislação continua a exigir. Finalmente, santifica-se a interdependência socialmente privilegiada mulher-mãe-criança, emitindo-se o discurso familiarista: "sobretudo não tomar o lugar de...".

Assim espera-se que estas mulheres, estas tias, amem no gineceu, como outras no bordel, e que evitem desejar as crianças de outra mãe.

Conseqüentemente, o encontro com a criança se inscreve num processo duplamente pedagógico e portanto ideológico, aquele do "técnico da 1ª idade": 1) instrumento da primeira educação social da criança; 2) conselheiro de

vendo transmitir o saber-fazer à mãe que se supõe não detê-lo, confirmando assim o direito e o dever da mulher à posse de seu filho no interior da cédula familiar.

Assim a vida da criança no grupo de outras crianças fica retalhada, à imagem de sua vida assim fechada entre essa instituição creche e a instituição familiar, à imagem do que será sua vida social de adulto.

A partir da constatação que a máquina emperra, conclui-se pela necessidade de intervenção dos supertécnicos da pequena infância: os psicólogos encerrados com seus diplomas neste mesmo discurso ideológico.

Do lado do pessoal da creche é, então, necessário amar sem prazer as crianças. Aumenta, daí, a tentação de se inventarem pretensas satisfações éticas por ver os bons resultados destes esforços no campo da higiene e da pedagogia, resultados obtidos mais rapidamente ainda que em casa graças à emulação, fator oh! quanto bem-vindo de reabilitação da vida coletiva. O dever do trabalho bem feito, a ordem, a limpeza, o resultado rapidamente obtido e bem visível sobre esta matéria viva que é a criança, eis o modelo cultural que se propõe oferecer as gerações de crianças, vagas sempre idênticas que entram por uma porta da seção em tal mês e saem por outra com uma bagagem de alguns meses e algumas aquisições a mais (sabiamente dosadas, cuidadas com a estafa).

As gerações de crianças atravessam, assim, toda a construção da creche, entre 2 e 36 meses, como qualquer produto acaba sendo construído na fábrica pelas diferentes etapas da linha de montagem.

As outras crianças se distraem com a cena, olham Patrício fascinadas. Falo: "Parece até que ele reinventou o jogo de bolinhas de gude, não? Ele não devia fazê-lo".

A professora, hesitante: "Mas as contas não foram feitas para isso e, além disso, é perigoso, uma criança poderia escorregar..." Eis o argumento decisivo. Nada mais resta tentar!

Os brinquedos são arrumados no armário. Chega então o instante preciso em que as crianças devem se sentar em volta das mesinhas para esperar o almoço.

A professora me fala, ao amarrar Patrício na sua cadeirinha: "Você vai dizer que não se deveria amarrar Patrício desse jeito." Está certo, recebo o troco, agora ela está me provocando. Eu: "Ah! Você sabe, pouco importa meu sentimento pessoal, se você não encontra outro meio de coexistência... Mas, sabe, o fuzil é ainda o meio mais eficiente para conseguir que alguém fique tranqüilo". Digo isso num tom de brincadeira, e a professora também pode se sair bem rindo comigo e com a auxiliar. Muito prático o humor negro!

Na semana seguinte, surge, na hora do lanche, uma oportunidade para tentar outra coisa. As crianças se encontram novamente sentadas à mesa, Patrício ainda não foi amarrado à sua cadeirinha na ponta da mesa, local que lhe é reservado e que prevê um bom espaço vazio entre ele e seus vizinhos.

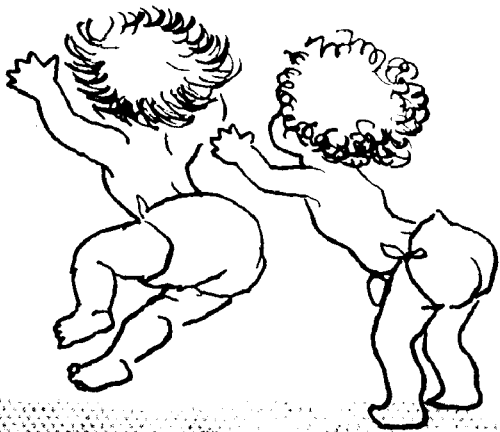
A professora foi buscar não sei o que no banheiro. Para lhe ajudar, ponho suco de fruta nos copos. Chamo Patrício para distribuir os copos entre as crianças. Ele fica exultante: pelo menos uma vez, pedem-lhe que "faça coisas" aos outros. As crianças riem,

falam todas ao mesmo tempo, estendendo a mão para serem servidas em primeiro lugar. Patrício se demora, escolhe, todo contente por ser assim, de repente, tão popular! A professora, alertada pelos gritos, volta carrancuda do banheiro: "Decididamente estas psicólogas! Não se pode deixá-las sozinhas um só instante com as crianças sem que elas se achem obrigadas a bagunçar tudo..." E, certamente, foi nesse instante que Patrício resolveu se virar deixando cair o copo de suco que servira para uma das últimas das 12 crianças!

A professora reaparece logo com um pano, enxugando febrilmente o chão. Digo a Patrício: "Traga o copo, vamos pôr outro suco de frutas, ainda tem criança pra ser servida." Serviço acabado, a professora amarra novamente Patrício em sua cadeirinha e evita me olhar — e ela não ri nem um pouco! Apesar disso, ainda lhe digo que Patrício teria ficado muito contente de ter podido consertar ele mesmo seu desastre enxugando o chão. Mas para quê? No contexto de nossas relações hierárquicas — quer eu queira ou não — de psicóloga à professora, minha iniciativa só pode ser compreendida com uma destas lições de pedagogia pelo exemplo, pela demonstração, uma das piores formas de lição a receber. Foi então um erro, um erro "psicológico" e cometido por uma psicóloga.

Mas o que estou fazendo aqui, afinal? O que é que todas essas pessoas esperam de mim, cada uma delas, Maitê, Catarina, as crianças, a diretora, as outras tias e a instituição? O que é que eu tenho vontade de fazer, de viver com eles?

* Jardinière no original.



Páscoa

*Velhice
é um modo de sentir frio que me assalta
e uma certa acidez.
O modo de um cachorro enrodilhar-se
quando a casa se apaga e as pessoas se deitam.
Divido o dia em três partes:
a primeira pra olhar retratos,
a segunda pra olhar espelhos,
a última e maior delas, pra chorar.
Eu, que fui louca e lírica,
não estu pictural.
Peço a Deus,
em socorro da minha fraqueza,
abrevie esses dias e me conceda um rosto
de velha mãe cansada, de avó boa,
não me importo. Aspiro mesmo
com impaciência e dor.
Porque sempre há quem diga
no meio da minha alegria:
"põe o agasalho"
"tens coragem?"
"por que não vais de óculos?"
Mesmo rosa sequíssima e seu perfume de pó,
quero c que desse modo é doce,
o que de mim diga: assim é.
Pra eu parar de temer e posar pra um retrato,
ganhar uma poesia em pergaminho.*

Adélia Prado

Rosas encarnadas

Três cartas a Marta Suplicy: Rosa Vermelha há 10 anos não tem relações com o marido; Ivone diz que a vida é bela quando se tem ao lado um "companheiro amante" e M.N. vive "desejosa de sexo". As cartas estão incluídas no novo livro de Marta, *Conversando sobre Sexo, e foram enviadas à TV Mulher*.



Senhora Dona Marta
Primeiramente quero que a senhora não repare os erros, pois o pouco que sei aprendi sem nunca ter ido em escolas. Sou viúva há 19 anos e destes dezoito eu vivi com um senhor X, oito anos, do qual tive que abandoná-lo devido os máis trates que me dava, acontece que eu era uma mulher que nunca entendi bem o que era sexo, achava uma coisa ridícula até feia de pronunciar, mais ainda senti pavor quando vivi com X, 8 anos, o mesmo se servia de meu corpo, depois insultava-me com palavrões imorais, dizia-me até que eu era resto de defunto, e isto me chocava muito, nas horas do ato sexual ele me judiava que eu chorava e tremia de medo e não me sentia mulher, mas sim um bicho amedrontado, pois assim, eu era tratada, como égua, dentro de mim só existia o medo de nunca saber o fundo de ser mulher, eu era tratada com pontapés, tapas, puxões de cabelos, até cuspidia em meu rosto eu tive, eu já não vivia, pedia ao Bom Deus, que desse fim ao triste viver que eu tinha, meus vizinhos, às boas amigas, todos, me aconselhavam que eu abandonasse esse tal X, que ele iria terminar com minha vida, lutei e escapei de suas garras de leão (seu signo) fui para outra cidade, abandonei casa, tudo o que era meu (propriedade) ele havia tomado conta, hoje tenho o que me pertence de volta.

Depois de quase três (3) anos para da cidade voltei e fiquei sem sentir nenhuma atração por homem algum, e se algum vinha falar eu os repelia, com medo de ser novamente maltratada, acontece que um dia desses fui até o centro da cidade e cruzei com um senhor que conheci há 16 anos, e esse apenas era bom dia ou boa tarde, e casualmente ele era também amigo de uma família que eu me dou, lá nós nos tornamos a nos encontrar e entramos em diálogo, e dias depois começamos a nos ver seguidos, hoje, ele tem 52 anos, eu 49 anos, e nestes 16 anos eu nunca esqueci a sua imagem, ele sempre ficou na minha lembrança, tinha muita afeição por ele, os anos foram passando e hoje eu e ele nos estamos nos entendendo maravilhosamente bem, já são passados seis meses do encontro do centro da

cidade, saímos muito, viajamos, e tivemos nosso primeiro encontro sexual, ele (Jorge) me disse que era apenas curiosidade de como eu seria (pois ele é desquitado), eu que parecia não ser nada, nem sabia o que era sexo direito, o Jorge, me acha uma mulher vibrante, senti com 49 anos o que nunca havia sentido de moça, quando estou junta dele, que estamos apreciando filmes ou outros programas, estamos sempre na brincadeira como dois jovens, sentimos um pelo outro uma afinidade louca que parecemos dois malucos de 20 anos quando descobrem o sexo, apesar de nossas idades, estamos sempre nos agarrando, nos beijando e isto nos leva sempre para a cama ou sofá mesmo, não temos dia nem hora, tudo é tão divino, tão espontâneo que quando eu toco em seu corpo, ou apenas no rosto, eu sinto como se ele tivesse um imã, me puxando para ele, ele me diz a mesma coisa de mim, dona Marta, eu às vezes sinto vergonha, porque não posso chegar perto, que fico toda perturbada, a vagina fica toda molhada, sai um líquido transparente e às vezes grosso com um cheiro forte, às vezes vou ao banheiro me lavo com o chuveirinho, fico limpa, mas ao tornar à sala, ele me beija, me toca em todo meu corpo e no quarto ficamos nus um diante do outro, eu às vezes quero me tapar, mas ele não deixa, e me incentiva para que eu não tenha encobulamentos, e temos várias relações por dia, e tanto eu como ele temos de três a quatro masturbações cada vez. Eu nunca havia sentido nada quando era mais moça, pois meu esposo (falecido) só me procurava 2 vezes por mês, e muitas vezes até 5 a 8 meses sem eu ter relações, agora depois de velha sei o valor da sexualidade, será que ter relações demais na nossa idade é prejudicial, e a maneira com que nos tratamos será que é feio? Dona Marta, será que eu tenho ainda o risco de engravidar? eu ainda menstruo 3 dias normais e não sinto nenhum sintoma de menopausa, parece que a recém estou a viver a vida mais alegre.

Espero ouvir vosso programa lendo minha carta e dizer a tantas outras senhoras de idade igual a minha, que vivem na solidão, que a vida não pára aos 20 ou 33 anos, a vida é bela e majestosa, quando temos ao nosso lado um companheiro amante, um bom amigo, que compartilhe junto dessa vida preenchendo o vazio que a mulher de meia idade necessita.

Muito obrigada dona Marta, depois de velha encontrei a felicidade do sexo, velha na idade, porém jovem no espírito.

Ivone e Jorge, Rio Grande

Carra amiga Marta, bom dia digo bom dia porque é uma hora da madrugada e não consigo dormir. Meu nome é Rosa Vermelha, faço 54 anos hoje. Meu problema é o seguinte: Sou casada há 35 anos, há 10 anos meu marido não tem relações comigo, vivo no paraíso, mas isso não chega para mim, sempre gostei de fazer amor meu marido tem 70 anos, fez em 14 de outubro passado, será que é por isso que não durmo? Será que ele tem amante? Ou é da idade, mas ele é um homem saudável, ele toda sua vida foi muito mulherengo; porque os homens podem fazer amor na rua com outra mulher e a mulher não pode fazer o mesmo? É a lei de Deus ou dos homens, eu o amo muito, e também não queria ter outro lá fora. Tenho um problema na vagina sai muito líquido o que será? Falta de fazer amor? Porque ele faz isso comigo? Não sou feia nem muito velha sinto muita vontade de fazer amor. Peguei meu carro no domingo e fiz uma coisa errada, fui segui-lo e ele encontrou uma moça bonita e desceu do carro e abriu a porta para ela, ela entrou e foram para a ponta da praia e entraram com o carro num edifício e eu perguntei mais tarde o zelador, ele me disse que o carro era de fulano e que ela mora ali e é bailarina, aqui na buate. Vim me embora chorei muito e até hoje não durmo.

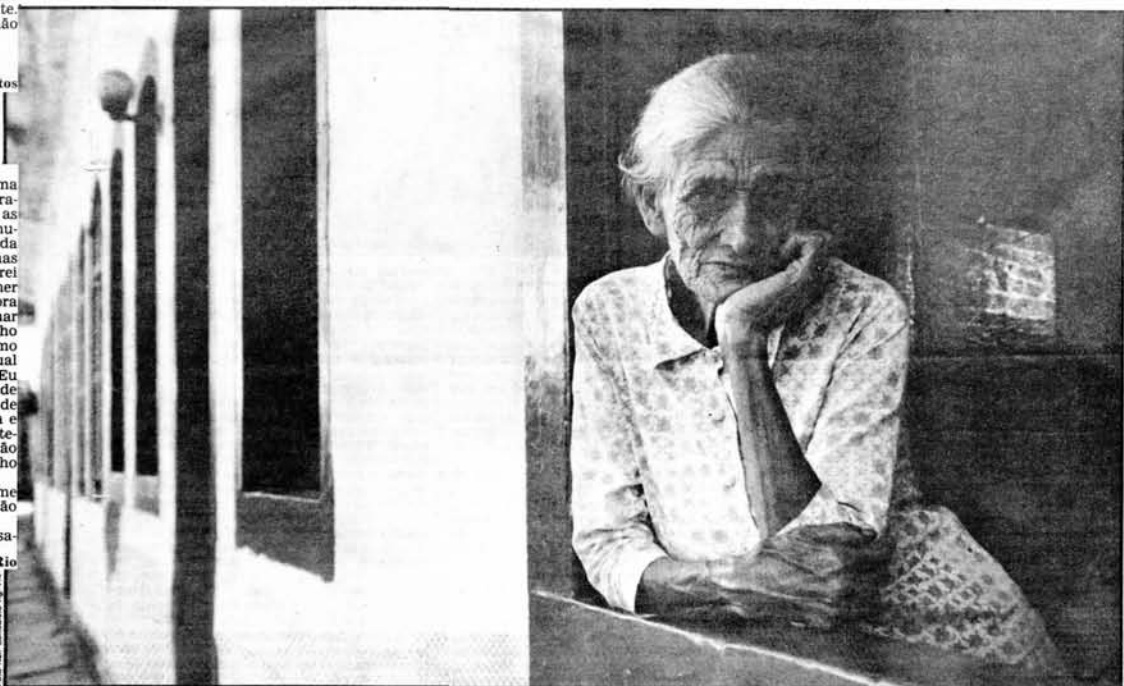
Obrigada, Rosa Vermelha
Não gosto de masturbar, OK?
I.F.F., Santos

Distinta Sra. Marta
Eu assisto a seu programa todos os dias, que é considerado um progresso para todas as mulheres. Eu sendo uma mulher enucada devido uma vida muito sofrida, criei duas filhas só e segurando a barra delas me segurei também. Tenho 52 anos, me sinto uma mulher desejosa de sexo. Tenho 10 anos assim. Agora mesmo a filha última separou-se p/trabalhar em outro estado. Conseguir outro trabalho p/mim. Mais me sinto tão vergonhosa como farei para chegar. A maioria no mundo atual não aceita a gente chegar e dizer como é. Eu sou um físico bom, só gordinha e 70 Ks. saúde boa. Se acontecer eu me encontrar c/um sr. de 70 anos mais um homem de situação boa e finíssimo, como farei contacto c/ele, se acontecer que estou já prevenido. Sim a religião minha também fala que é pecado. Tenho noites que não durmo.

Me responda Marta você é mesmo nome da m/filha acho que é por isso que sou tão amarrada.

Aqui desejosa de uma resposta atenciosamente

M.N., Rio



"Ei, vovó!" e acabou a animação...

Dona Nair tem 69 anos e é uma mulher de grande vitalidade. Há dois anos liderou os moradores de Vila Dalva, periferia de São Paulo, no mutirão para a construção de uma creche no bairro, da qual ela foi a primeira presidente. Hoje, trabalha num asilo de velhos em Botucatu. Aqui ela escreve sobre velhice.



É horrível ficar velho, pois significa solidão, desapareço, o fim. Todos têm medo da velhice ao invés de sentir orgulho por estar envelhecendo, pois a velhice só nos traz sabedoria, compreensão e amor redobrado por toda uma vida muito vivida, pelo que demos de nós sem pensar em recompensa, mas nem todos pensam assim.

A maioria cal em desânimo, desespero, muitos apiam para a bebida, há os que põem fim à vida porque têm medo da realidade. Sabem que não serão aceitos em emprego nenhum, pois já passaram dos 40 anos, estão velhos, estão acabados. Os filhos começam a encostar os pais, acham que já estão esclerosados e caducos.

Se uma velhinha entra em uma boutique toda alegrinha porque viu alguma coisa de seu agrado e está feliz da vida, antes que diga alguma coisa, é recebida assim: "Acho que aqui não temos o que a senhora quer, vovó". Pronto, mesmo que tenha algum artigo, a velhinha já esfriou toda aquela alegria, e saiu de cabeça baixa.

Então velhos e velhas não andam mais na moda, não que não gostem, gostam sim, é porque não deixam, ficou velho ficou fora de moda. Por aí se vê como a velhice é triste mesmo.

Os velhos também gostam de se divertir, mas como? Não podem ir a um baile pois são vistos pelos jovens com risadinhas de gozação. Se um casal de velhos sai dançando, dizem que estão assanhados, que lugar de velho é na igreja.

Meu Deus, por que o velho é tão banido da sociedade, como se fosse um marginal? Por que não fazem alguma coisa para acabar com isso? Eles precisam de carinho, precisam de amor, compreensão; já é hora dos pais começarem a ensinar os filhos a respeitarem os mais velhos, começando pelos avós.

Como fazem no Japão, onde os velhos são respeitados, são queridos e amados. Frequentam

festas e são bem recebidos, dançam e ninguém faz gozação. O velho da sociedade oriental me causava inveja. As igrejas, as escolas, deviam se unir e orientar os jovens, mostrar-lhes que os velhos não incomodam ninguém, eles só querem viver sossegados, depois de terem lutado tanto para dar um futuro para seus filhos. E são muitos os que durante uma longa vida nunca ligaram para nada, só queriam ver os filhos crescerem com conforto e não tiveram tempo de pensar em si, e quando acordaram estavam velhos.

Até num filme em que aparecem duas pessoas já velhas se amando elas são criticadas. Por quê? Então os velhos não podem amar, beijar-se?

Olha, os velhos também amam, a mãe natureza os envelheceu na pele, mas por dentro bate um coração igual do jovem. Seria bom que meios de comunicação em massa, como televisão, jornal, rádio, etc. levantassem o problema do velho. Alertassem para esta educação errada que têm as crianças e os jovens. Este preconceito descabido contra a velhice.

Os próprios velhos deveriam exigir uma condição de vida mais digna, porque eles são seres humanos, e mais humanos do que os jovens, porque têm a experiência de uma longa vida. Velhos que já foram jovens, tiveram a emoção da alegria quando nascia um filho e a emoção da tristeza quando este filho adoecia, tristeza quando perdia o emprego, desespero pensando no dia de amanhã. E agora quem é que pensa no velhinho? Ninguém!

“Eu até desaprendi de cantar”



Uma senhora muito doce, sempre composta, uma dessas pessoas incapazes de dar um grito ou uma gargalhada mais alta. Prestativa, educada, a qual quer hora do dia vestida de maneira conveniente — muito elegante, em tons pastéis. Uma mulher bonita, bem casada, com um engenheiro bem-sucedido, com três filhos — dois homens, uma mulher — também já casados. Uma vida certinha, dessas que não comportam nenhum imprevisto.

Essa é a imagem que eu sempre tive de dona Mariana, 57 anos, mãe de uma conhecida minha. Um dia a encontro casualmente e ela me conta: “Eu também estou separada, você sabia?” Uma história dolorosa: um belo dia, o marido chega em casa e diz que nunca a amou, que esses 34 anos de casamento não valeram de nada, que está apaixonado por outra e vai sair de casa.

Dona Mariana diz mais. Conta da dor, da dor profunda, da humilhação da rejeição, mas conta também que está fazendo agora coisas que nunca fez antes, e com as quais tem um enorme prazer. Uma delas: sozinha em casa, à noite, quando as empregadas já foram embora, pôr um disco na vitrola, bem alto, e dançar, dançar, ir tirando a roupa enquanto dança, ir sentindo a música em seu corpo e em seu movimento. Sentir-se em movimento.

Marquei com ela uma entrevista para o *Mulherio*. É isto que está aqui: uma estória de uma mulher doce, cheia de energia e de vitalidade sufocadas. A conversa foi muito emocionada, mas só em um momento ela deixou essa emoção escapar em choro. Foi quando disse:

“Eu sempre fui muito expansiva, alegre, barulhenta, gostava de cantar, de dançar, de brincar, de gritar de alegria e ele sempre reprimia, dizia, ‘psiu, cuidado com o vizinho’. Se eu risse mais alto, ele já me chamava a atenção, era uma pessoa completamente tolhida, fechada. Eu tocava um pouco de violão, cantava. Deixei tudo. É que nem a perda de identidade. Imagina se você está cantando e alguém faz ‘psiu’, perde a graça. Eu ficava tão aborrecida! Eu achava melhor brigar e não brigava, simplesmente desaprendia de cantar. Essas coisas dão uma tristeza... Eu achava que, pela minha família, pelo meu lar, tudo valia a pena, entende?”



Foto: Nir Benedito / F4

Sua história:

“O Flávio não foi o meu primeiro namorado, não. Tive muitos rapazes que queriam me namorar. Eu sentia mais atração pelos rapazes mais soltos, extrovertidos, aventureiros, nas aventuras era uma coisa que me assustava. Então todos os rapazes que gostavam de mim, e que eram muito sensatos, eu não sentia atração. Chegou um ponto em que pensei: Vou me aventurar? Ai acabei aceitando o Flávio porque achei que era uma pessoa sensata, equilibrada, e gostei dele realmente, se bem que no começo eu não tinha atração por ele.

Nós namoramos quatro anos e quando ficamos noivos ele pediu que eu parasse de trabalhar. Eu era secretária-executiva e já trabalhava há seis anos num escritório. Eu era muito bem-sucedida, considerada, respeitada, ganhava muito bem e nunca tive nenhum aborrecimento no setor de trabalho. Mes ele pediu para eu parar, acho que ele se sentia diminuído, porque inclusive eu ganhava mais do que ele. Ele disse que se eu fosse uma professora tudo bem, mas uma secretária executiva... Então eu aceitei, achei que ele tinha razão, eu concordei que o lugar da mulher era dentro de casa, não lar, criando os filhos. Se bem que eu não gostaria de ter largado mesmo naquela época, porque eu tinha muita

energia para gastar. Eu daria conta perfeitamente da casa e do serviço.

Depois vieram os filhos e toda aquela minha energia eu dedicava pra eles, inclusive acho que até prejudiquei, porque eu fui superprotetora. Eu fazia tudo, até pôr o leite na xícara. Se iam viajar eu arrumava a mala, fazia tudo, até os imprevistos eu queria prever tudo. Tive muito problema com os filhos por causa disso, mas felizmente eu me libertei, e hoje o nosso relacionamento é excelente.

Todos esses problemas, ele sempre esteve alheio, totalmente dedicado ao trabalho dele. Ele sempre foi uma pessoa muito correta, muito sensata, mas fechada. Ele trabalhava muito, pegava o ordenado inteiro e punha na gaveta, eu é que administrava. Então eu gostava demais dele e achava que ele era uma pessoa honestíssima. Nunca foi mesquinho, nem quis saber o que eu gastava ou deixava de gastar. Por causa dele ser fechado, eu cheguei a propor separação no começo da nossa vida. Mas ele dizia: “Não, é a minha maneira de ser, eu gosto muito de você, eu traduzo o meu amor no meu trabalho”.

Então eu via que ele era assim quieto e fui me moldando nessa maneira. Deixei de ser o que eu era para ser mãe, esposa, dona-de-casa. E também ajudava ele. Tudo que ele escrevia para apresentar nos simpósios, congressos, eu



Foto Neil Benedito Ag. FIA

tinha de redigir de novo, porque a redação dele era muito confusa, não era só um trabalho de datilógrafa.

Em casa sempre teve máquina de escrever e eu trabalhava lá mesmo, à tarde, enquanto as crianças estavam na escola, e muitas vezes à noite até muito tarde, porque de manhã não dava tempo. Eu gostava de me sentir útil na carreira dele, de ajudar.

Quando eu estava angustiada porque os meninos estavam crescendo e eu não era mais tão necessária, um dia eu estava na missa e o padre falou que feliz é aquele que diz: "Eis aqui, senhor, um servo totalmente inútil", quer dizer, já cumpriu sua missão. Então, o fato de eu estar me sentindo inútil queria dizer que eu já tinha cumprido minha missão com os meninos e poderia partir para outra, porque a gente tem de fazer com que ninguém precise de gente. Neste sentido de que você pode fazer tudo pra todos, mas que ninguém seja imprescindível, porque as pessoas têm de ir pra frente e encontrar seu caminho.

Nesta época, eu procurei muito palestras de atualização, espiritualização. Procurei ajudar também na paróquia. Mas não tenho habilidade manual, esse tipo de serviço que tem muito nas paróquias, de costura, essas coisas eu não sei. Fiz também um trabalho de tesouraria pra entidade social, até que saí,

para ajudar uma pessoa doente na família.

Eu comecei a perceber que a casmurric do Flávio estava pior e vi que tinha algum coisa estranha no meio. Isso foi durante uns seis meses. Ele fechado. Até que no fim e perguntei: acho que está na hora de encarar que está acontecendo. Aí ele me contou chiando que estava apaixonado por outra mulher que eu podia expulsá-lo de casa, que ele era um covarde e não me amava. Não tendo que dizer de mim, um motivo, ele disse que nunca me amou. E eu falei: "Escuta, você esperou 33 anos pra dizer isso?" "É, eu sou um covarde mesmo."

Eu cheguei à conclusão de que ele se casou comigo pra se promover socialmente porque ele é descendente de italianos, eu sou de família tradicional. Durante o namoro uma vez ele falou que só ia passar aquele complexo de imigrante no dia que ele casasse com uma pessoa de família tradicional. Isso ele me contou, mas disse que já tinha superado. Na nossa separação, cheguei à conclusão de que não tinha. Ele disse que no dia que casou comigo estava triste. Que a mãe dele perguntou: "Meu filho, o que é que você tem?" e que ele não teve coragem de dizer pra mãe, e respondeu: "Não, estou preocupado com a viagem." Isso ele me contou chorando.

Durante o casamento ele não falava "eu te amo", essas coisas. Mas se eu quisesse ter uma conversa em profundidade ele recuava, dizia que era a sua maneira de ser. De qualquer forma nós fomos felizes dentro desse, como se diz? desse modo de vida, das alegrias com os filhos, da convivência, de ver os meninos crescerem.

Quando ele me contou que estava apaixonado por essa moça, 20 anos mais jovem que ele, ele conversou comigo como se eu fosse mãe dele, contou coisas até íntimas dos encontros com ela, tudo que ele nunca conversou comigo, a nosso respeito. Agora você vê.

Ele me disse também que se fosse o contrário, se fosse eu que tivesse me apaixonado por outro homem, ele me mataria, não porque me amasse, mas porque era machista, tinha ciúme, não gostava de perder nada. Ele me repetiu várias vezes que me mataria.

Eu confiava inteiramente nele, nunca imaginei que pudesse acontecer uma coisa dessas, mesmo porque ele era um moralista ferrenho. Ele sempre foi tão moralista a ponto de proibir a filha, quando tinha 18 anos, de ir no casamento de uma moça que ia casar com um homem desquitado.

Eu sempre levei minha vida pautada pelos princípios cristãos, eu não faria isso que ele fez, porque eu não seria feliz se tivesse partido pra uma aventura. Eu não me arrependo da maneira como eu fui, porque é a maneira que está de acordo com o que eu penso".

Dona Mariana agora está tocando a vida para a frente. Eu ainda lhe pergunto como é que foi a parte de sexualidade no casamento, ela responde que não foi boa, não. "No namoro ele tinha loucura por mim, não sei o que aconteceu, quando casou comigo e viu que eu era inteiramente dele, perdeu o interesse. E desse jeito a parte sexual não podia ser uma coisa que compensasse. Eu suportei isso."

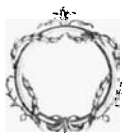
No momento, suas forças estão concentradas em responder a um processo movido por ele, em que dona Mariana vê ruir o principal ponto que segurou essa vida em comum: a honestidade do dr. Flávio, sua correção em relação ao dinheiro. Ele tenta de todas as formas ficar com a maior parte do bolo — um bolo que não é muito grande, se resume a uma bela casa em São Paulo, o salário mensal, algumas aposentadorias. O homem metódico e econômico desapareceu quando foi viver com sua nova mulher, "em três meses ele gastou uma fortuna com ela, deu jóias, carro, terreno".

Ela se lamenta: "Eu tinha muita vontade de estar trabalhando numa coisa que me desse uma independência. Se eu não precisasse do dinheiro que não é dele, é meu, se eu tivesse um meio de sobrevivência, mesmo sendo meu esse dinheiro, eu abria mão. Mas como pra mim é uma questão de sobrevivência, então eu vou lutar por isso até o fim. Eu não vou me omitir, cruzar os braços. Já que ele me jogou na arena eu vou lutar, estou lutando, de foice, de espada, de tudo".

Adélia Borges

'Namorar é uma coisa linda'

Elza Lenate Rodrigues, 58 anos, dois casamentos, dois filhos, tem um pouco de medo da velhice, mas considera que tanto ela quanto o marido, hoje com 70 anos, são jovens ainda. Aqui, um pouco de sua história.



A mãe de dona Elsa morreu de um aborto, o pai se suicidou mais tarde e, depois de enfrentar os moralismos de sua época, casando-se com um homem separado e com uma filha, ficou viúva e passou 18 anos de sua vida com um único objetivo: cuidar dos filhos. Aos 44 anos se apaixonou novamente e se casa. É feliz? Ela não sabe dizer, mas é com muita tranquilidade que conta sua história e chega à conclusão de que seria melhor não ter casado, que namorar "é a coisa mais linda que existe", que ela queria mesmo era um amigo.

"Eu tinha 22 anos, quando conheci o meu primeiro marido. Ele era muito mais experiente, já estava com 36 e já tinha sido casado. A mulher foi embora com outro e deixou a filha, mas isso não quer dizer que ela era uma prostituta, como as pessoas ficaram achando, é que naquela época as coisas eram muito difíceis para a mulher. E foram difíceis também pra mim, pois meu pai não queria aceitar que a gente ficasse junto. Foi uma audácia, mas eu me enchi de coragem e nós casamos, ou melhor, fomos abençoados por um padre e tivemos dois filhos. Três anos e 8 meses depois ele morreu de um colapso. Foi a desgraça, eu naufraguei e nem sei como consegui sair desse naufrágio, porque ele era pai, marido e amigo pra mim."

"Aí eu comi o pão que o diabo amassou, voltei pra casa do meu



Foto Paquito

pai e fui muito maltratada por minha madrasta. Eu tinha perdido tudo e a única coisa que me fez reagir foi o amor por meus filhos. Hoje não tenho nem 10% da coragem que tive. Em um mês aprendi a fazer calças e comecei a trabalhar em casa. Depois de dois anos, quando meus filhos já estavam mais grandinhos, eu tentei colocá-los numa escola, cheguei até a implorar, mas não deixaram eles ficar porque eram muito pequenos. Nesse período eu estava num estado de depressão muito grande, precisava sair, trabalhar fora. Tive que pedir pra minha madrasta e ela aceitou cuidar deles, mas não dava comida nem banho. Mesmo assim foi bom porque eu comecei a trabalhar numa tecelagem na mesma rua em que morava. Trabalhei lá sete anos e enquanto isso os meninos foram crescendo, eu comecei a sair mais com eles e com uma turma de amigos e, apesar de sentir que faltava alguma coisa, eu tinha muita vontade de viver, sempre pensando nos filhos".

"Nessa época eu gostei de um rapaz e até namoramos um pouco, mas ele foi muito honesto em dizer que não queria assumir as crianças. Eu não sonhava mais, mesmo porque quando eu fui pra casa do meu pai ele falou que se eu arranjasse um homem ele me punha na rua a pontapé junto com as crianças. Hoje eu aconselho às moças que não se fechem com o eu. Acho uma loucura ter vivido 18 anos só por meus filhos. Eu senti a falta de um relaciona-

mento afetivo e sexual também, mas, é claro, como sou uma pessoa normal, às vezes me masturbava, afinal de contas era jovem, mas até estava acostumada com a solidão".

"Com 44 anos eu conheci o João. Ele já tinha 58 e a gente se encontrou pela primeira vez no velório da minha tia. Logo nos identificamos porque estávamos os dois com problemas com os filhos. O meu mais novo tinha resolvido ir morar em Ubatuba com um grupo de hippies e eu sofri bastante com isso, mas respeitei, e a filha dele também tinha entrado na faculdade e estava descobrindo o mundo, desbundou, como se diz. Um pouco depois a gente estava namorando, ele ia toda noite me buscar no trabalho e eu fiquei perdidamente apaixonada. Foi maravilhoso. Meus filhos acharam ótimo porque eu estava feliz e até me incentivaram a casar. A filha dele, quando percebeu que a coisa estava ficando séria, ficou meio enciumada, mesmo depois que casamos o relacionamento com ela foi difícil, mas hoje nós somos amigas".

"Então o relacionamento da gente foi muito bonito, maravilhoso, mas depois que nós casamos houve muito problema porque ele tem um gênio que pra tomar uma decisão é uma dificuldade. A coisa foi esfriando, por duas ou três vezes eu quis deixá-lo, não por nada, pois ele é uma pessoa excelente, mas eu é que era muito carente, eu queria encontrar

aquela pessoa amiga que sempre me faltou e depois que casamos parece que ele se afastou. Antes era lindo, a gente ia pra São Sebastião e lá era aquele namoro, tomávamos banho junto, depois acabou isso e começou a ter muita discussão e até a parte sexual esfriou, não sei se é mágoa ou a própria idade, nosso relacionamento sexual hoje é muito espaçado. Na questão de carinho, afeto, eu me sinto muito frustrada com ele. Não sei também se é a criação que ele teve, muito linha dura, muito machista, pela mãe dele todos os filhos teriam sido padres e eu tenho a impressão de que quando ele me conheceu ficou apaixonado, se entusiasmou, mas depois que nós casamos ele perdeu o interesse. É muito complicado porque nós não falamos sobre isso, nós nunca sentamos pra conversar, ele foge, nós não temos diálogo, nós brigamos. Hoje, dez anos juntos, eu aceitei esse jeito dele, e aparentemente tudo bem, mas sinto ainda muito vazio, às vezes parece que melhora, às vezes plora. Mas eu já aceitei, me sufoquei um pouco, porque ele fica na indiferença então eu não sei me apaixonar também. Foi por tudo isso que a gente resolveu procurar o Sesc, onde participamos do grupo de terceira idade. Nós estávamos muito sozinhos e achamos que lá poderia haver uma abertura maior, mas eu também fico pensando que as pessoas da nossa idade já estão com as cabeças feitas e não têm mais jeito, existe uma certa ciúmeira".

"Quanto a nós dois, eu assumi completamente ele, não penso mais em separação daqui pra frente, a não ser que parta dele, que ele arranje uma outra. Mas ele está com 70 anos e eu já não teria coragem de me separar. E depois ele também não é uma pessoa má, ele é uma pessoa boa, eu apenas acho que como marido não preencheu, falta, eu queria um amigo, que era o que eu mais precisava, porque o resto era fácil de resolver. É lógico que se ele chegar e me disser que está lá curtindo uma fulana, também não sei como é que eu vou reagir. Não sei se ele está feliz também, eu tenho a impressão que ele vive numa redoma. E eu também estou mudando, antes eu tinha iniciativa, hoje eu penso muito pra fazer qualquer coisa. Eu acho que fiz uma loucura casando, eu deveria estar namorando até hoje, namorar é a coisa mais linda que existe, não tem o peso do cotidiano. Hoje a gente nem toma mais banho junto. Eu me arrependi de ter me casado".

Wanda Nestleher

Menopausa, sexo e amor

O que ocorre no corpo da mulher quando ela entra no climatério e na menopausa? Como combater sintomas tais como "ondas de calor" e dores na vagina? É sobre isso que Marta Suplicy fala nesta matéria, ao mesmo tempo em que condena o preconceito que cerca o tema da sexualidade das pessoas mais velhas. Este artigo foi condensado de um capítulo de seu novo livro, *Conversando sobre Sexo*.



Foto Pequito



As mulheres idosas, quando solteiras, desquitadas ou viúvas, enfrentam um preconceito ainda maior do que o homem. Nada se espera delas além de que tratem bem os sobrinhos, cuidem dos netos e fiquem "no seu lugar". Coitada da senhora de 50 anos que se emboquear, quiser sair, e não aceitar somente o papel de avó. Mas, se pensarmos que esta mulher pode ainda viver 30 anos ou mais, dá para ver o ridículo desta proposta de enterrar viva para a vida e o sexo uma mulher desta idade. Principalmente numa idade onde não existe mais o problema da gravidez, onde a mulher já tem a cabeça feita; ela sabe do que gosta e o que quer, e teria a chance de ser mais independente do que jamais o foi.

Existe na nossa cultura uma falsa idéia de que o(a) velho(a) não tem desejo ou vida sexual. Esta premissa é semelhante à teoria do começo do século, de que a criança não tem sexualidade. Freud sofreu violentas críticas quando ousou questionar esta crença. Da mesma forma a sociedade hoje tenta negar a sexualidade do idoso.

O potencial para o prazer erótico parece começar antes do nascimento e não se extingui até a morte. Obviamente existem mudanças biológicas associadas à idade. Como também não se ocorre em volta do quarteirão com 60 anos como fazia aos 18; mas chega-se lá da mesma forma.

Os 20 anos são a idade de maior atividade sexual da mulher, e os 40 anos a idade de maior responsividade. Conjectura-se que este dado seja devido a cultu-

ra e educação, na medida em que a mulher é ainda criada de forma repressiva e talvez só se liberte ou avance nestes preconceitos bem mais tarde na vida. Após o pico da resposta sexual da mulher, que ocorre entre 35-42 anos de idade, segue-se um declínio, porém bem mais lento do que o do homem.

As principais mudanças físicas na sexualidade feminina, fora a puberdade, ocorrem no climatério, que é a fase de transição entre o período fértil e a velhice da mulher. Nesta fase aparece a perda progressiva da função ovariana. O climatério começa com a irregularidade nos ciclos menstruais. É a pré-menopausa e pode durar de meses a anos, dependendo do organismo. A menopausa significa a parada da menstruação ao redor dos 45-55 anos.

A cessação abrupta do funcionamento ovariano produz uma queda drástica na produção de estrogênio. Como consequência ocorre uma atrofia da mucosa vaginal, o que pode tornar a relação sexual um pouco dolorosa ou provocar sangramento nas paredes da vagina, uma diminuição na lubrificação vaginal, tornando a penetração mais difícil. Podem ocorrer também mudanças na estabilidade emocional, que diminui, a pessoa fica mais agressiva, irritável, tensa e deprimida. Muitas sofrem de instabilidade vasomotora, que são as chamadas "ondas de calor" ou "fogacho", dor de cabeça, dor quando urinam após a relação, tontura, palpitação ou dor nas costas.

Estes sintomas podem ser aliviados com orientação médica, através do uso de estrogênios. Entretanto, como este tratamento apresenta também desvantagens como estimulação do crescimento

de fibromas uterinos, displasia mamária, crescimento impróprio do endométrio e pode também aumentar a velocidade do crescimento de tumores cancerígenos das mamas, e, em especial, do endométrio, os médicos têm de tomar muitos cuidados na recomendação do seu uso. Mulheres com familiares que apresentaram câncer de mama devem evitar o uso do estrogênio, assim como as que sofrem de insuficiência cardíaca, hepática e de diabetes, e as que têm propensão a trombozes vasculares.

Uma alternativa para a diminuição da dor na vagina durante o ato sexual é o uso de cremes que contêm estrogênio. As alterações do tipo "ondas de calor" podem ser controladas com drogas não hormonais. É possível, apresentando resultados positivos, o tratamento com outros hormônios que não o estrogênio.

Não é claro se a extensão destes sintomas são produzidos pelas mudanças do equilíbrio hormonal ou são sintomas programados psicologicamente, levados pelas expectativas da sociedade quanto à menopausa. Desde mocinha, aquela mulher ouve o que vai acontecer na menopausa. Geralmente muita bobagem, exagero, criando medos que a predispoem psicologicamente a sentir uma porção de coisas concomitante-

mente a esperar o fim da sexualidade com o fim da capacidade de reprodução. E isto não tem nada a ver, como bem colocam os pesquisadores Masters e Johnson: "Não há razão pela qual se deva esperar que o marco da menopausa emboque a capacidade, o desempenho ou o impulso sexual da mulher". "Não há limite de tempo traçado pelo avançar dos anos à sexualidade feminina."

Mas nem tudo é tão simples. Como lembra Simone de Beauvoir no livro *O Segundo Sexo*, o drama feminino na terceira idade é justamente o interesse da mulher pelo sexo, enquanto os seus companheiros começam a perder esse interesse. Nesta idade, a masturbação retoma a importância que teve na adolescência, não por escolha, mas por ser o que resta.

O que me parece importante deixar claro é que, apesar de ocorrerem mudanças físicas neste período para a mulher, a menopausa não é doença. Algumas vão sentir mais estas modificações, outras menos. Apenas 20/25% sofrerão consequências que justifiquem a indicação de medicamentos. O que determinará como a mulher viverá esta idade está na sua cabeça. Como ela se sente: ainda atraente, valorizada, útil... e esta percepção será também influenciada pela sua família e, principalmente, pelo seu companheiro.

Marta Suplicy

Mulher, Mulheres. Organizadoras: Carmen Barroso e Albertina Oliveira Costa. Editora Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1983, 135 páginas.

Foi preciso que um movimento social impusesse a categoria sexo como variável sociológica para que as mulheres fossem enfim estudadas pela ciência, deixassem de ser apenas "bicho esquisito". Abertas as primeiras portas, trata-se agora de repensar as propostas teóricas e metodológicas que foram suporte de uma ciência assexuada. Muitas perguntas permanecem: por que as mulheres estão quase sempre ausentes das lutas sindicais? Para quem serve o trabalho feminino? Quem fez a história das mulheres?

Os seis artigos da coletânea **Mulher, Mulheres**, resultado de pesquisas financiadas pela Fundação Ford, com apoio da Fundação Carlos Chagas, falam das operárias de ontem e de hoje, das amas de leite que cuidaram de nossos avós, de uma rebelde esquecida e das musas musicais que alimentam nossos sonhos...

As pesquisas de Cheywa Spindel sobre o trabalho feminino na indústria do vestuário e a de Amélia Teixeira e seu grupo sobre a trabalhadora a domicílio, também na indústria do vestuário, são exemplares na elucidação da relação mulher/trabalho produtivo/trabalho reprodutivo, mostrando como o sistema capitalista "usa" e rentabiliza as características da mulher trabalhadora.

Os estudos mostram ainda como este trabalho "produtivo" se articula com o trabalho "reprodutivo", doméstico, sem modificar a situação das mulheres. São todas, como diz Cheiwa, "costureiras, mães e mulheres".

Hoje, como na 1ª República, acrescentam Valéria Pena e Elça Lima, em sua pesquisa sobre as operárias têxteis naquela época. As autoras reconstituíram a participação das mulheres na força de trabalho empregada na indústria têxtil e a participação destas mulheres nas lutas operárias, no início do século. Para elas, esta participação é ilusória: as mulheres estavam afastadas da liderança das lutas e a figura feminina que emergia ainda era a da "frágil companheira" que precisava ser protegida. Porque antes de ser operária ela era mãe — mãe operária, mulher operária.

Voltamos assim à esfera da reprodução. E nela encontramos as amas de leite que Elizabeth Magalhães e Sônia Giacominini estudam. A escrava e a ama de leite "existem para substituir a senhora", como hoje "a empregada doméstica substitui a patroa" (ver



Suely Almolda em **Colcha de Retalhos**). Assim, na esfera da reprodução se repetem as relações de opressão, características da sociedade escravocrata. As relações sociais entre grupos, classes e sexos se dão todas no quadro da opressão e da desigualdade vigente. Até a maternidade, relação "natural", pode-se transformar em relação de dominação para umas e ser dominada para outras.

Viro a página e descubro encantada a personagem de Maria Lacerda de Moura revisitada por Miriam Moreira Leite. Maria, um mulher "iluminada" em busca de autonomia intelectual, afetiva, econômica, que falou da maternidade, da contracepção, de amor de liberdade nos anos 30 e teve sua voz abafada, foi esquecida; censurada.

Quem tem medo de Maria Lacerda Moura? Miriam sugere que não foram só as TFPs de todos os tempos. Outro obscurantismo, sob a forma de sectarismo de esquerda, condenou a figura libertária de Maria (como também condenou Pagu). Porque Maria pretendia sonhar livre de escola, livre de igrejas, livre de dogma, livre de academias, livre de multas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais. Tã anti-social quanto possível. Ai está o problema: uma "iluminada" que pretende pensar amor e beleza também pode ser subversiva.

E da oposição entre rebeldes conformistas, nem as musas escapam, diz Eliane Robert Moraes. Nestas cantadas musicais as rebeldes viram pecadoras e as resignadas viram santas. Parece que no imaginário somos pecadoras e ou santas, amantes e ou traçoiras. Somos musas ilusórias — diria a Valéria Pena. Até que supermulher venha nos restituir glória, mudando o curso da história. E para isto as mulheres, autoras e atrizes desta antologia, terão certamente contribuído.

Elizabeth Souza Lob

Leitura



Creche. Suplemento dos Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, 43, Nov. 1982. 47 pgs.

Síntese dos depoimentos e debates ocorridos durante o Encontro Nacional de Creches, realizado em setembro de 1982 pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, esta publicação constituiu um passo a mais no delineamento de uma tendência que já vinha se esboçando em simpósios e congressos anteriores sobre o tema: a abertura de espaço para a voz submetida e rebelde da mulher operária, da trabalhadora rural, da empregada doméstica, lado a lado com o relato da aeroviária, da jornalista, da fiscal do Ministério do Trabalho, da administradora e do técnico, unidas em torno da necessidade de educar e proteger a criança pequena.

Vários ângulos fundamentais são abordados: o da precária legislação trabalhista que, por omissão ou ambigüidade, acaba sempre favorecendo a classe patronal; o da inadequação flagrante dos termos dos convênios, gerados no isolamento dos gabinetes; o da iniciativa sindical, na cidade e no campo; o da organização de associações de bairro, em sua surpreendente capacidade de mobilização e de crítica na busca de programas pedagógicos alternativos. Paineis de uma gama insuspeitada de iniciativas oficiais e sobretudo populares no enfrentamento da questão da creche, não poderiam estar ausentes temas polêmicos como a localização da creche, a atribuição e a cobrança de responsabilidades, a política de atendimento, a natureza da programação educativa.

Um saber acumulado pela experiência vivida nos mais variados pontos do país vem demistificar a simplificação indevida e retificar o irrealismo da visão oficial: não basta que se

abram creches. Mães que teoricamente poderiam beneficiar-se das creches não as utilizam. Por quê? Desinteresse pelos filhos, ignorância, dirão os ideólogos. A distância, a despesa impossível com mais uma condução, os horários inviáveis, os dias de chuva e lama, os ônibus superlotados, a desconfiança, dizem as sofridas mães, numa lição inesquecível.

Impossível fazer esta leitura obrigatória sem um misto de indignação, surpresa, esperança e apreensão. É preciso estar atento para que a creche não se transforme num instrumento a mais de extração da mais-valia. A luta é ampla e contínua, num embate desigual. Neste contexto, torna-se vital a discussão, que fecha o Suplemento, sobre o papel do técnico; afinal, a dominação também se escora na ação daqueles que se consideram detentores de um conhecimento superior, porque científico. Os participantes do Encontro sabem disso e se preocupam. Por isso mesmo, seria um retrocesso se a Fundação, através de seus técnicos, tal como sugerido por um dos participantes, chamasse a si a responsabilidade pela organização e simplificação das informações para um movimento que vem sendo tão bem conduzido com a participação essencial das classes populares.

Maria Helena S. Patto

Complexo de CINDERELA

Complexo de Cinderela, de Colette Dowling, tradução de Amarylis Eugênia M. Pereira. Melhoramentos, 1982, 222 páginas, São Paulo.

Colette Dowling, jornalista e escritora, mãe-sozinha de 3 filhos, independente e responsável, descobre ao casar-se pela segunda vez que no fundo dela mesma dormia a Cinderela, esperando o príncipe.

Durante toda uma vida ela lutara, enfrentara o cotidiano, o trabalho, a casa, os filhos, a solidão. Paradoxalmente com a paixão e o casamento com um companheiro, veio a apatia. A mulher consciente, liberada, batalhadora, interessada no mundo e na vida, transforma-se numa mulher apenas preocupada em conservar sua felicidade doméstica. Da constatação dessa perda da independência, da ambição e do respeito próprio, da descoberta dessa Cinderela, nasceu este livro.



Decidida a enfrentar a verdade sobre si mesma, Colette mergulha nos condicionamentos que envolvem as mulheres. Analisa, pesquisa, estuda. E descobre o medo, a fuga, o acomodamento no fim do túnel.

"...Lá estava ele, o Complexo de Cinderela. Antigamente ele atacava meninas de 16 ou 17 anos, impedindo-as muitas vezes de cursarem uma faculdade e empurrando-as para o casamento. Agora ele tende a atacar as mulheres já com curso superior, após terem experimentado o gosto do mundo. Quando as primeiras sensações inebriantes de liberdade se dissolvem e a ansiedade toma-lhes o lugar, as mulheres começam a ser incomodadas pelo velho anseio de segurança. o desejo de serem salvas."

Segundo Colette esta "síndrome" ataca a grande maioria das mulheres de todas as idades, nos momentos mais inesperados. Como se fosse impossível romper definitivamente o cerco do sonho e do mito. Sua tese é de que devemos lutar com todas as forças contra este "inimigo interior" que subsiste, apesar do avanço do feminismo. Devemos estar atentas e saber identificar a armadilha do medo

quando ela se apresenta. O grande medo de ousar, de se destacar, de ter de ser sempre eficiente, de ousarmos sê-lo uma única vez. O medo de competir, o medo de existir independentemente de um homem.

As feministas americanas atacaram quase unanimemente o livro. Viram nele um desvio psicologista, entre outras coisas. Colette foi também acusada de mais uma vez culpar as próprias mulheres pela sua opressão e de não oferecer soluções para o problema da dependência do sexo feminino.

Ela por sua vez retrucou que se não somos responsáveis pelos nossos condicionamentos, devemos ser responsáveis por lutar contra eles.

Um livro polêmico, pois. Mas que aponta para questões cruciais que muitas vezes omitimos até mesmo no nosso íntimo. Não basta sonhar com uma vida livre, igual, independente. É preciso vivê-la plenamente.

Elisabeth Vargas

Minha Mãe, Meu Modelo, de Nancy Friday, tradução de Giselle Torós. Editora Record, 1982, 386 páginas, Rio de Janeiro.

Com mais de três milhões de exemplares já vendidos nos Estados Unidos, chega agora ao Brasil **Minha Mãe, Meu Modelo**, de Nancy Friday — um importante livro sobre o relacionamento entre mãe e filha, escrito a partir da experiência pessoal da própria autora e de entrevistas com mães, filhas, psicanalistas, sociólogos, ginecologistas.

Ao mostrar a mãe vista pelos olhos dos filhos, Nancy Friday pode surpreender aqueles que acreditam que o "martírio" da maternidade é o papel correto: os filhos amam a mulher realizada, feliz, no lar ou fora dele, e encontram nela uma visão otimista para seu próprio futuro.

"Sinto orgulho de minha mãe quando a vejo crescendo e fazendo aquelas coisas que devia ter feito há anos", diz Nancy. "Isso dá muito significado a todos aqueles anos que ela passou me criando. Sinto mais orgulho disso do que de outra coisa qualquer: que minha vida deu à minha mãe uma segunda chance".

A mulher que procura ser uma boa mãe, mas não abdica de uma vida própria, alivia os filhos da idéia de ter se sacrificado por eles. Ao expor os filhos a um número maior de "modelos", além de si mesma, abre suas perspectivas, expande seu mundo e permite que recebam mais amor de outras pessoas diferentes.

Mais de 3 Milhões de Exemplares Vendidos nos EUA



NANCY FRIDAY

Nancy Friday lembra que "os diferentes papéis que nossos pais desempenham no início de nossas vidas nos ajudam a explicar por que até as mulheres voltadas para suas carreiras e para o sucesso se encaixam em papéis domésticos quando se casam: nossa mãe começou a nos ensinar como ser mulher e esposa muito antes de nosso pai entrar em nossa vida para nos ensinar como ser uma pessoa bem-sucedida no trabalho".

Ao ajudar outras mulheres a terem compreensão dos problemas da "simbiose" entre mãe e filha, a autora finaliza advertindo que "nossa tarefa como adultos é compreender o passado, aprender suas lições e então deixá-lo para trás. Culpar nossa mãe é apenas um modo negativo de continuar-mos agarradas a ela".

Ely Menna Barreto

As Mulheres de Tijuco Papo, de Marilene Felinto. Editora Paz e Terra, 1982, 133 páginas, Rio de Janeiro.

Com apenas 24 anos, saindo da Faculdade de Letras da USP, Marilene Felinto ganhou o prêmio Jabuti/82 de revelação com seu primeiro livro, **As Mulheres de Tijuco Papo**. Como bem disse Marilene Chaufl, este é um "livro bíblico", porque busca as origens da memória feminina, na sua infância, nos seus choros, desejos e anseios.

Escrito numa linguagem excessivamente metafórica, sob o pique da raiva, da fúria, da falta, da denúncia, o livro encobre e descobre o monólogo furioso da solidão e do abandono. O monólogo é uma escolha feliz do narrador-personagem, pois parece caracterizar o discurso da mulher frente à contemplação de seu mundo.

A busca do monólogo e da evasão se direciona ora para o passado mítico da vida uterina, ora para o presente em que aparece a figura de "uma menina sentada no trono" e nas perspectivas da estrada de "avistar as flores vermelhas". A narrativa é o tempo todo sustentada pelo desejo de "chegar lá": "Quando eu chegar lá, com certeza, já terei visto flores, quero ver flores vermelhas, quando eu chegar lá depois de ter passado por canteiros de flores".

A razão do desespero é a perda do amor de Jonas, o homem amado, uma perda insuportável, descrita numa voracidade de ódio



tamanha que só o amor compreende, tal como acontece no conto "O Búfalo", de Clarice Lispector.

A razão da esperança é o encontro de um novo homem a ser amado: "Foi no capim que eu amei um homem, eu deitada com todos os atos que deitara antes com outros homens... eu era inteirinha do homem, eu era toda tocada, eu estava dividida em milhões de células elétricas, eu estava sendo varrida e invadida como só a água do mar pode me varrer."

Neste instante, a agressividade do discurso e sua amargura cedem lugar ao lirismo extremo e erótico. Ela deixa para trás a fúria, a autopiedade, a podridão da sua história e da "menina sentada no trono", e vai ao encontro da terra e do corpo, nascendo a nova mulher capaz de avistar as flores.

Marlene Bilenky

COZINHA

Administrando a crise

"A dona-de-casa é hoje a administradora mais competente deste país, costuma dizer o jornalista econômico Joelmir Betting. Para fazer jus a esse título nestes tempos de crise, ela está precisando fazer uma ginástica incrível, conforme constatou uma pesquisa da agência de publicidade Salles Interamericana. Essas são as mudanças de comportamento das donas-de-casa detectadas pela pesquisa:

- 1) Aumento das horas dedicadas ao lar, 38% das entrevistadas declarou que vêm dedicando ultimamente mais tempo do que antes para administrar o orçamento doméstico.
- 2) Imposição de certos sacrifícios em detrimento de algumas comodidades. Alegando

que a empregada desperdiça muito, 82,5% voltou à cozinha para preparar as refeições. Boa parte substituiu a empregada mensalista por outra, diarista; e mais da metade dispensou o serviço de empregadas.

- 3) Contenção de gastos na área de serviços. 96,5% está controlando mais o tempo gasto com as chamadas telefônicas; 70% cortou os gastos com tinturaria, 81,5% tenta fazer pequenos consertos em casa, dispensando as visitas de encanadores e eletricitas.
- 4) Mudança de pontos de compra. 36% está gastando mais tempo para as compras domésticas, como resultado da procura de preços mais vantajosos.
- 5) Redução do volume de produtos adquiridos em cada compra. Com o dinheiro curto, as compras são mais frequentes.
- 6) Substituição por marcas de menor preço. Ninguém mais é fiel às marcas tradicionais, quando o que conta é um bom preço.

(Extraído do Suplemento Mulher)



Ilustração Mauro Claro

Socos e chutes

Um grupo de mulheres que fazia em fevereiro uma manifestação antinuclear em Newbury, perto de uma base aérea inglesa, agrediu a socos e chutes o secretário da Defesa da Grã Bretanha, Michael Heseltine, que chegava ao local com sua mulher para participar de uma reunião do Partido Conservador. Com as calças rasgadas, Heseltine disse, depois: "Foi um caso muito sério. Eu fui arrastado para o chão".

Que beleza de lei!

A Itália corre na frente: em janeiro, o Parlamento italiano aprovou uma bellissima lei alterando todas as normas jurídicas sobre a violência sexual exercida contra a mulher. São esses os pontos básicos:

- 1) Qualquer ato de violência sexual é considerado um delito contra a pessoa, automaticamente perseguível e condenável. Isto significa que já não se tratará de um "acontecimento privado" e, sobretudo, que não será interpretado como um delito contra a moral pública, mas contra a vítima.
- 2) Entende-se por violência sexual qualquer ato relacionado com a libido cometido sem o consentimento da vítima. Esse artigo eliminará dos interrogatórios tudo que se refere à "dinâmica" do fato. Normalmente, os interrogatórios tendiam a demonstrar que a vítima também desfrutara o ato.
- 3) A esposa ou a companheira poderá denunciar o marido ou companheiro que exigir uma relação sexual sem o seu consentimento.

A advogada Laura Remiddi, uma das redatoras do projeto de lei apresentado pelo Partido Socialista, afirmou que o aspecto mais importante da nova lei é que se poderá proceder automaticamente contra os delitos sexuais. Segundo ela, se esse projeto chegou a ser votado no Parlamento é porque "algo mudou, não só no planeta mulher mas em toda a sociedade italiana".

Serviço OIM-IPS

Belas formas



Ilustração Lilita Figueiredo

Belas formas (redondas) femininas rendem preços melhores no mercado. Belas formas femininas devem ser redondas. Dizem. Todo feminino é redondo? Que a Xuxa aceite se travestir-se (como já escrevi em outro número do Mulherio) para corresponder ao conjunto das fantasias masculinas sobre a mulher, é problema só dela. Que os travestis de São Paulo se matem com aplicações letais de silicone, tentando obter corpo de Xuxa, virou caso de polícia. Prisão para os vendedores da droga (silicone industrial), para os inescrupulosos aplicadores que ganham a vida prometendo a fórmula mágica da beleza feminina a homens e mulheres que querem se livrar de tudo o que neles é anguloso, reto, magro. E adquirir os

signos da feminilidade: seios redondos, rosto redondo, quadris redondos.

Um caso de polícia: a solução imediata (se a polícia paulistana for solução para alguma coisa) para estancar a série de mortes horróricas provocadas pela infiltração de silicone nos tecidos. Um caso de ideologia, de combate à praga emocional que gera a venda dos corpos sexuados, a bolsa de valores eróticos, o consumo dos signos do macho e da fêmea, a apropriação do corpo alheio que ostenta estes signos. Os travestis são apenas a bandeira trágica da humilhação por que passamos todos nós. Eu, você, leitor e leitora: quantas vezes já nos mutilamos de corpo e alma na tentativa de corresponder aos padrões de beleza idealizados para o nosso sexo? Maria Rita Kehl



Não espere mais encontrar-se com alguém do Mulherio para fazer ou renovar sua assinatura. Preencha este cupom e mande pelo Correio: é rápido, é seguro. Não esqueça de cruzar o cheque, nominal à Fundação Carlos Chagas

ASSINE MULHERIO

Desejo fazer uma assinatura anual (6 números) de MULHERIO, dos n° — o — Para isso estou enviando um Cheque Nominal no Valor de Cr\$

1.200,00

(Cr\$ 2.400,00 para o exterior)

Em nome da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS Redação do MULHERIO — Av. Prof. Francisco Morato, 1565 — 05513 SP, fone 211-4511.

NOME _____

ENDEREÇO _____ PROFISSÃO _____

BAIRRO _____ CX. POSTAL _____ TEL. _____

CEP _____ CIDADE _____ ESTADO _____



Mais negócios da China

As agências noticiosas ocidentais afirmaram em janeiro que um membro do Partido Comunista Chinês foi expulso da organização por ter um terceiro filho, desafiando a orientação do governo para o controle da natalidade, que prevê apenas um filho para cada casal na cidade e dois no campo. Zhao Wenru mora na cidade de Shen Yang, na região Norte do país, e já havia sido advertido em 1980, quando sua mulher teve o segundo filho.



Enciclopédia de sexo

"Uma espécie de enciclopédia de sexo, numa linguagem que qualquer pessoa entende", assim Marta Suplicy define seu livro *Conversando sobre Sexo*, edição da autora, distribuído pela Vozes. (A Vozes não quis editar porque o livro tem um capítulo a favor da legalização do aborto). *Conversando sobre Sexo* será lançado dia 7 de abril em São Paulo, às 19 horas, na Livraria T.A. Queiroz; e dia 8 de abril no Rio, às 20,30 horas, na Livraria Argumento. O livro tem 22 capítulos, 300 páginas e reúne a experiência da autora em três anos de TV Mulher.

Só para solteiras

Em seu primeiro número, de dezembro de 82, o jornal *A Voz da Periferia*, de Embu, SP, traz uma extensa matéria sobre a discriminação da mulher casada pelas empresas da cidade. E denuncia diretamente a Arbame Mallory e a Real Equipamentos de Segurança, que exigem exame de urina para contratar empregadas. *A Voz da Periferia* é definida pelo editor Márcio Tadeu como um jornal "que não tem o rabo preso com ninguém: nem com o governo, nem com a Prefeitura, nem com os comerciantes, nem com as indústrias".

Cantando por gestos

Muito bonito o espetáculo de mímica de Denise Stoklos tendo como tema as músicas do último show de Elis Regina, "Trem Azul". Denise faz uma leitura muito particular e muito emocionada das músicas, especialmente daquelas que tratam da mulher. Sua interpretação de "Maria Maria" (Milton Nascimento e Fernando Brant), por exemplo, foge completamente da leitura habitual que fazemos da música. Mostra uma Maria com gestos limitados, sufocada, com muito pouco espaço para soltar sua força e sua garra, mas mesmo assim uma Maria que resiste. O espetáculo passou em São Paulo, no Sesc Pompéia. Se você tiver alguma oportunidade de ver Denise, não perca. É uma artista sensível, sintonizada com seu tempo e com o "ser mulher" neste tempo. (Adélia Borges)

A lei, ora a lei

Você sabe que o pai pode deserdar, expulsar de casa a filha que ele considerar desonesta? E que o marido pode anular o casamento se constatar que a mulher com quem se casou não era virgem? Pois é, a gente ignora um monte de leis que dizem respeito à nossa vida, ao nosso corpo. Daí a utilidade do segundo caderno da série "A participação política da mulher", editado sob a responsabilidade do Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas da PUC-SP. O caderno, chamado "As leis e a nossa vida", é escrito em linguagem bem acessível e tem muitas ilustrações.

Várias

• A Universidade de Wisconsin (EUA) abriu inscrições para o programa *Summer Institute on Women and Development* (13 de julho a 1º de julho de 1983) destinado a estudantes universitários dos países do 3º Mundo.

O programa prevê bolsa. A taxa limite para inscrição encerra-se dia 1º de abril. Contato: NEUMA AGUIAR, WOMEN'S STUDIES PROGRAM, 209 NORTH BROOKS STREET, MA-

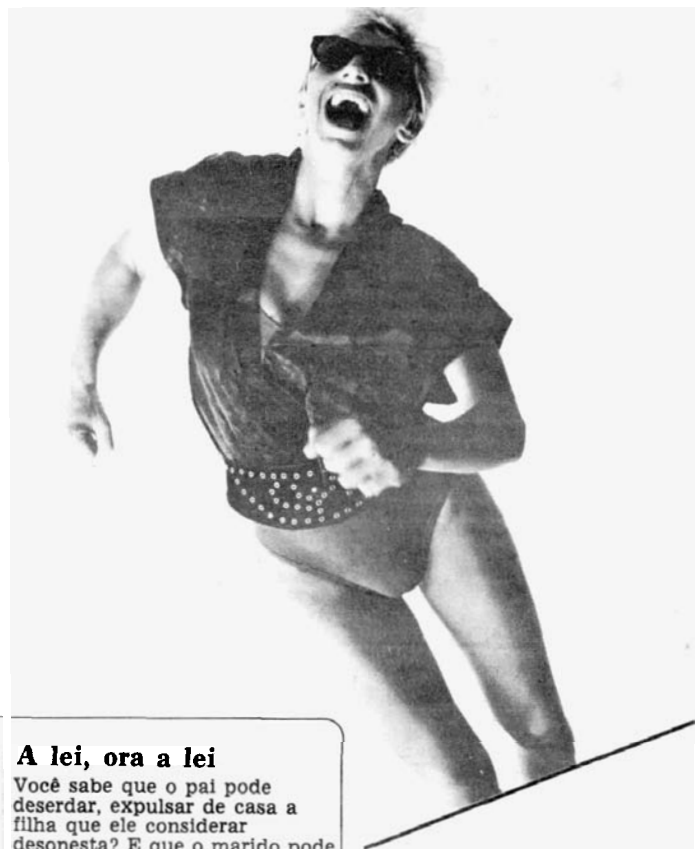
• Acabou de ser traduzido para o português *Uma perspectiva Internacional sobre a condição de mulheres idosas* de Shella M. Peace. A publicação pode ser solicitada a Carlos Coelho de Faria, R. Martimico Prado, 106, aptº 23, São Paulo, CEP 01224 (Tel. 221-6502)

Gays oficializados

Depois de viver uma odisséia, passando por oficial de cartório, juiz, tabelião e corregedor, finalmente o Grupo Gay da Bahia (GGB) conseguiu seu registro como sociedade civil, no início deste ano. O GGB foi fundado em 79, edita um boletim (Caixa Postal 2552, Salvador, BA) e atualmente está empenhado em eliminar o parágrafo 302 da classificação de doenças do INAMPS que considera o homossexualismo uma doença mental.

Testemunho coletivo

A literatura de testemunho escrita por mulheres sob a forma de depoimentos ou histórias de vida é um gênero que ficou em alta por influência do movimento feminista. A busca ou a construção de uma nova identidade feminina estão por trás do gênero, que ainda não se popularizou no Brasil, salvo algumas exceções. Da Argentina chega-nos agora o livro *Diario Colectivo* (Ediciones La Campaña), resultado da experiência de quatro mulheres que se encontraram por mais de dois anos, formando um grupo de conscientização, e que resolveram colocar suas impressões, lembranças e reflexões por escrito. O livro mostra que, se o caminho para a consciência não é nenhum mar de rosas, deixa um saldo positivo para as autoras e para seus leitores. (Maria Carneiro da Cunha)



Você encontra o Mulherio nas seguintes livrarias:

SÃO PAULO
Belas Artes — Av. Paulista, 2448
Brasiliense — Rua Barão de Itapetininga, 99
Capitu — Rua Pinheiros, 339
Cortez — Rua Bartira, 387
Cultura — Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional
Manduri — Rua da Consolação, 265
Moa — Rua Vieira de Moraes, 1441
Vozes — Rua Haddock Lobo, 360
Zapata — Rua Dr. Cesário Mota Jr., 285
RIO DE JANEIRO
Dazibao — Rua Visc. de Pirajá, 571
Eu e Você — Rua Constante Ramos, 23B
Simões — Av. Alberto Braune, 55 - Nova Friburgo
PORTO ALEGRE
Espaço — Rua Annes Dias, 166 - Edifício do IAB
Palmarinca — Rua Gel. Vitorino, 140 - 1º andar
GOIÂNIA
Cevam — Rua 90, nº 999 - Setor Sul
SALVADOR
Literatê — Av. 7 de setembro, 750 loja 11

CO ZINHA



Ilustração Mauro Ciaro

De grão em grão...

Ainda é muito pouco, mas já é alguma coisa. Em fevereiro, o governo espanhol aprovou uma lei de despenalização do aborto. Incluída numa ampla reforma do Código Penal, a despenalização só alcança os casos em que haja risco de vida da mãe, em que o feto esteja mal formado ou em que a gravidez tenha sido causada por violação. O perigo de vida da mãe deve ser comprovado por dois médicos e no máximo até 20 semanas de gravidez.

O aborto em casos de violação pode ser feito até três meses. Organizações de direita, a Igreja e entidades de médicos fizeram uma ampla campanha contra a aprovação da lei. As feministas também fizeram várias manifestações criticando as limitações do projeto. (Serviço OIM-IPS)

Aborto e instrução

Recorrer ou não ao aborto tem a ver com a instrução da mulher, pelo menos na Itália. Uma pesquisa realizada em 82 pelo instituto privado de investigações mais famoso do país, o Doxa, revelou que 33% das mulheres com instrução primária já abortaram, e apenas 16% das mulheres com instrução universitária. Outros dados interessantes da pesquisa: 15% das mulheres casadas legalmente conceberam seu primeiro filho antes do casamento; somente 18% das mulheres controlam sua fecundidade recorrendo à pílula; 75% continuam recorrendo a métodos naturais anticoncepcionais.

(Serviço OIM-IPS)

Las Locas incansáveis

As mães da Praça de Maio não param. Em fevereiro, elas foram à Espanha pedir a intervenção do primeiro-ministro Felipe Gonzales, para conseguir esclarecimentos sobre o caso dos desaparecidos na Argentina. Reuniram-se com exilados argentinos, fizeram manifestação em frente à embaixada de seu país e seguiram em visita a outros países europeus.

Dados novos sobre trabalho

O "Perfil estatístico de crianças e mães no Brasil", publicado recentemente pela UNICEF e pelo IBGE, aponta tendências importantes e traz alguns dados novos em relação às mães de crianças pequenas. Analisando o período de 1970 a 1977, o diagnóstico mostra que as mulheres aumentaram consideravelmente sua participação na força de trabalho.

Em São Paulo, para as mulheres de 15 a 49 anos, ela passou de 26% para 36%. Esse incremento deveu-se, em grande parte, à entrada de mulheres casadas no mercado de trabalho: as cônjuges quase triplicaram sua taxa de atividade, e sua participação aumentou mais nas faixas de renda mais baixas.

O fato mais surpreendente, porém, é que essa participação mais do que dobrou no caso das mães com pelo menos um filho de até 6 anos de idade, fenômeno também mais acentuado nas faixas mais pobres. Exemplificando com o Estado de São Paulo, em 1977, tínhamos, de cada 100 mulheres economicamente ativas, 50,5 chefes de família ou cônjuges, 41,1 com filhos e 23,6 com pelo menos um filho de até 6 anos de idade.

Aumentou também a porcentagem de famílias chefiadas por mulheres, especialmente em São Paulo (de 10,8%

para 13,4%). São essas justamente as famílias que apresentam rendimentos mais baixos. De fato, os dados de 1977 confirmam que a mulher que trabalha fora obtém, em média, metade da renda auferida pelos homens.

Esses resultados sugerem que, num espaço de tempo relativamente curto, a mulher sofreu grandes mudanças em sua vida familiar. O ingresso na força de trabalho de um grande contingente de mulheres casadas, com filhos pequenos, principalmente nas faixas mais pobres, revela que a pressão para aumentar a renda familiar deve estar sendo mais forte do que as dificuldades ligadas à dupla jornada de trabalho. Esse fenômeno ajuda a explicar, também, a força que vem ganhando os movimentos de reivindicação por creches, especialmente na região metropolitana de São Paulo.

É justamente em relação a esse aspecto que o estudo apresenta uma lacuna importante: nos dados sobre escolarização, não se considera a frequência a pré-escolas e creches por parte das crianças abaixo de 7 anos. Essa falha, em trabalho que se propõe a realizar um diagnóstico sobre mães e crianças no país, deveria ter, ao menos, merecido alguns comentários dos autores.

Maria Malta Campos

Mulher na Ortopedia

Maria Antonieta Micheletti, 27 anos, estudante de medicina, conseguiu um feito. Ela foi aprovada para fazer Residência no Hospital Matarazzo, em São Paulo, na área de ortopedia. Uma coisa rara, pois essa é uma especialidade da medicina considerada exclusivamente dominada por homens. Para o dr. Edgar Fiori, um dos examinadores que aprovaram o ingresso de Antonieta, a não participação das mulheres na área tem uma explicação "muito mais emocional do que lógica". Segundo ele, até algum tempo atrás, pela falta de instrumentos modernos, a ortopedia chegava a ser comparável à marcenaria, sendo igualmente máscula e viril. Antonieta, a nova residente, diz: "Alega-se que as mulheres não têm força física suficiente para resolver algumas situações que o ortopedista precisa enfrentar". E, realmente, algumas situações exigem muita força, mas, segundo Antonieta, "poucas coisas que uma mulher não consegue sozinho em ortopedia um homem consegue, então sempre é necessário ter o assistente para ajudar médico homem ou mulher".

Antonieta teve que enfrentar um problema no Hospital Matarazzo: a falta de acomodação para mulheres no Departamento de Ortopedia. A solução foi ficar em outro Departamento. O dr. Fiori, um dos responsáveis pela área, acredita que a entrada de mulheres por si só começa a mudar a situação. Vamos ver.

Wanda Nestleher



Igualdade para os filhos

A Organização Nacional da Mulher (NOW) de Granada, país do Caribe, está em campanha para fazer com que todos os filhos sejam iguais perante a lei, abolindo o conceito de ilegitimidade. A NOW quer que o governo popular revolucionário reforme toda a legislação relativa às crianças. (Serviço OIM-IPS)

Centro de estudos

Progressos na área acadêmica: agora também em Nova Friburgo, RJ, foi fundado um Centro de Estudo, Documentação e Pesquisa sobre a Mulher. O Centro está instalado na Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia (rua Monsenhor Miranda, 86, CEP 28.600), e tem o apoio cultural do Centro de Extensão Universitária. A coordenação é de Maria do Socorro Diniz.



Uma brasileira foi premiada em Cuba: Ligia Chiappini de Moraes, professora da USP, recebeu o prêmio na categoria de literatura em língua portuguesa, do Concurso Casa das Américas, promovido pelo governo cubano. Ligia escreveu o ensaio "Quando a Pátria Viaja — Uma Leitura dos romances de Antônio Callado".



Agora nós vamos apelar!

Recorrer à Justiça pode dar certo! No Rio, duas advogadas feministas, Leonor Nunes Paiva e Comba Marques Porto, conseguiram recentemente uma sentença histórica, que abre novos caminhos na luta por creches. A decisão judicial diz, em síntese, o seguinte: o empregador que não cumprir a determinação da CLT de instalar uma creche na empresa deve indenizar a empregada pelos gastos que ela tiver com creches para seus filhos.

A ação foi impetrada por Nádia Volia Xavier, ex-empregada da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), órgão do governo federal. Para que pudesse trabalhar, ela matriculou seus dois filhos em idade de amamentação em uma creche particular, pois a FINEP não possuía creche própria ou convênio com alguma instituição do gênero, conforme estabelece o art. 389 §1º e 2º da CLT.

No caso do descumprimento deste artigo, a lei prevê uma multa administrativa a ser aplicada pelas delegacias regionais de trabalho, mas silencia quanto aos efeitos, para a empregada, do descumprimento, desta norma.

“A própria CLT estabelece

como norma de ordem pública todos os preceitos referentes ao trabalho da mulher. Em outras palavras, por ser de ordem pública, a obrigatoriedade de creche se insere no contrato individual de trabalho da mulher, e o seu descumprimento por parte do empregador é passível de indenização”, diz Leonor Paiva. Foi isso o que reconheceu o juiz Paulo Freitas Barata, da 8ª Vara da Justiça Federal, seção do Rio de Janeiro, que condenou a FINEP a indenizar a empregada no valor do que ela havia pago pela creche de seus filhos.

A sentença ainda será apreciada pelos tribunais superiores, que vão confirmá-la ou não. Qualquer que seja o resultado, ela abre um caminho importante, e mostra que além da organização nos bairros e nos sindicatos, da pressão junto aos órgãos públicos e às empresas, a via legal não deve ser esquecida — principalmente quando já contamos, pelos menos no Rio e em São Paulo, com advogadas feministas empenhadas, dentro de seu ramo profissional, na questão da mulher.

Adélia Borges

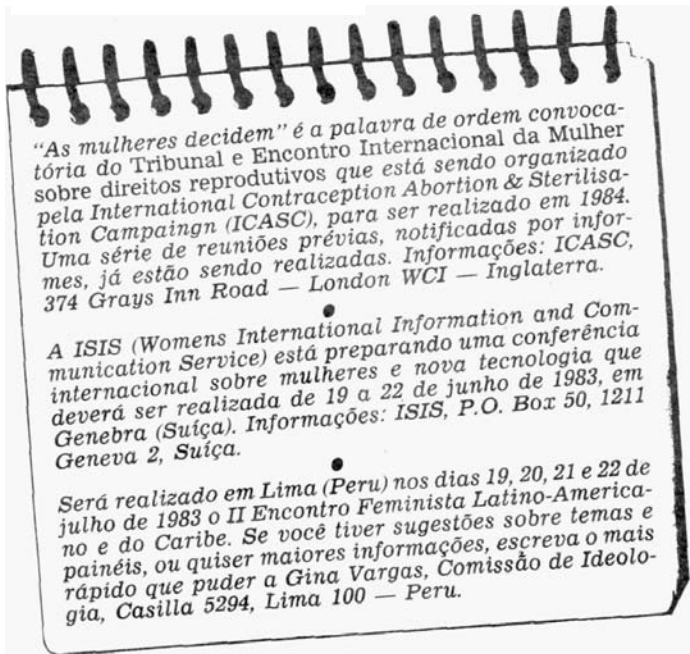
Na prática, a teoria é outra

“Falamos muito que o feminismo propõe novas formas de organização. Por que não conseguimos botá-las em prática? Vimos que se elas realmente existem (ou existiram há três anos) não funcionaram em nosso último encontro. Não seria o caso de pensarmos um pouco nisso? De discutirmos a distância que existe entre nossas proposições teóricas e nossas atuações práticas?”

Esse convite à reflexão é feito pelo Coletivo Feminista de Campinas em recente documento enviado a vários grupos de mulheres. O texto faz uma avaliação do II Encontro Nacional de Feministas, realizado em Campinas durante a última reunião da SBPC. O próximo encontro será realizado em julho, em Brasília, e sua pauta provisória consiste em: “a) eixos comuns de luta; b) inserção do movimento feminista nos movimentos mais gerais; c) avaliação dos trabalhos”.

Associação no Grajaú

A Associação das Mulheres do Grajaú nasceu da vontade de algumas mulheres de discutir os seus problemas específicos como saúde, contracepção, sexualidade, discriminação no trabalho, etc. Depois de três anos de discussão e lutas — por creches, posto de saúde, semáforos, etc —, vai ser inaugurada no final do mês de fevereiro a Casa da Mulher do Grajaú, que será um espaço onde as mulheres do bairro poderão se reunir para conversar, falar da sua sexualidade, ter um atendimento médico ginecológico, alternativo, de mulher para mulher. A casa terá ainda uma cooperativa de corte e costura, cuja renda será revertida para melhoramento próprio. O Grajaú é um bairro operário da Zona Sul de São Paulo e a grande maioria das mulheres que participam da Associação são operárias e donas-de-casa. Maria José Araújo



“As mulheres decidem” é a palavra de ordem convocatória do Tribunal e Encontro Internacional da Mulher sobre direitos reprodutivos que está sendo organizado pela International Contraception Abortion & Sterilisation Campaign (ICASC), para ser realizado em 1984. Uma série de reuniões prévias, notificadas por informes, já estão sendo realizadas. Informações: ICASC, 374 Grays Inn Road — London WCI — Inglaterra.

A ISIS (Womens International Information and Communication Service) está preparando uma conferência internacional sobre mulheres e nova tecnologia que deverá ser realizada de 19 a 22 de junho de 1983, em Genebra (Suíça). Informações: ISIS, P.O. Box 50, 1211 Geneva 2, Suíça.

Será realizado em Lima (Peru) nos dias 19, 20, 21 e 22 de julho de 1983 o II Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe. Se você tiver sugestões sobre temas e painéis, ou quiser maiores informações, escreva o mais rápido que puder a Gina Vargas, Comissão de Ideologia, Casilla 5294, Lima 100 — Peru.

8 de março, 1983

Alegria, alegria. Desta vez a comemoração do Dia Internacional da Mulher consegue incorporar essa palavra tão esquecida e tão boa. A alegria e o bom humor foram a tônica da passeata que as cariocas fizeram no centro do Rio, conseguindo arrebanhar mais de duas mil pessoas. Elas cantavam Maria, Maria, Carinhoso, mas o tom mesmo era o de A Banda: os homens sérios, as moças das janelas pararam para ver as mulheres fantasiadas de mãe extremosa, moça liberada, bruxa, santa, prostituta, virgem recatada e até de... feminista militante.

Essas mesmas mulheres que desfilavam tinham saído, no fim de semana anterior, de um encontro nacional sobre saúde, sexualidade, contracepção e aborto. Durante três dias, cerca de 500 representantes de grupos de todo o país, além de parlamentares de vários níveis, tiraram do tabu a discussão pelo direito ao aborto. E marcaram para 22 de setembro o dia nacional de luta pela legalização do aborto (ver cobertura sobre o encontro no próximo nº de Mulherio).

A alegria também esteve presente em São Paulo, na "festa política" realizada no MASP. No dia 9, debateu-se no auditório da Folha as funções do Conselho da Condição Feminina, criado pelo governo Montoro. As comemorações incluíram ainda uma série de encontros em bairros da periferia e em municípios da Grande São Paulo, que deverão continuar até o fim do mês, além de uma manifestação na Praça da Sé.

A festa, a discussão, o encontro se estenderam também a várias capitais brasileiras e chegaram a cidades em que até 1983 o 8 de março era um dia igual aos outros, como Campo Grande (MS), onde houve uma semana de debates, projeções de filmes e manifestações.

É, o mulherio ganhou muitos presentes neste 8 de março. E nós, do Mulherio, comemoramos o segundo aniversário de um jornal que já chegou às bancas (por enquanto, só em São Paulo), aumentou a tiragem, tem assinantes em todos os Estados do País. Viva!

Adélia Borges



Foto Almir